

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

CAROLINE RODRIGUES DA SILVA

**DANÇA DE SALÃO COMO POSSIBILIDADE DE QUALIFICAÇÃO
DAS RELAÇÕES (INTRA) INTERPESSOAL NA EMPRESA**

Porto Alegre
2011

CAROLINE RODRIGUES DA SILVA

**DANÇA DE SALÃO COMO POSSIBILIDADE DE QUALIFICAÇÃO DAS
RELAÇÕES (INTRA) INTERPESSOAL NA EMPRESA**

Dissertação apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação da Faculdade de Educação da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dra. Leda Lísia Franciosi Portal

Porto Alegre

2011

Silva, Caroline Rodrigues da

A Dança de Salão como possibilidade de qualificação das relações

(intra) interpessoais na empresa / Caroline Rodrigues da Silva – 2011.

79f.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós Graduação em Educação, 2011.

Orientação: Prof. Dra. Leda Lísia Franciosi Portal, Programa de Pós Graduação em Educação.

1.Dança de Salão 2. Empresa 3.Relações Interpessoais I. Título

CAROLINE RODRIGUES DA SILVA

**DANÇA DE SALÃO COMO POSSIBILIDADE DE QUALIFICAÇÃO DAS
RELAÇÕES (INTRA) INTERPESSOAL NA EMPRESA**

Dissertação apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação da Faculdade de Educação da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Porto Alegre

2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu amado marido Donato Júnior, que com todo amor, demonstrou apoio e dedicação incondicionais, fazendo cada dia valer a pena.

Aos meus pais, Vera e Celmo, pelo apoio, orientação e suporte que me possibilitaram construir o meu caminho até aqui.

À professora Leda Lísia, pelas orientações que serviram não apenas para a construção da dissertação, mas para toda a vida.

À Rosângela Brogni, amiga e observadora, que emprestou seu olhar à construção dessa pesquisa, melhorando o meu.

E, por fim, a todos que fazem ou fizeram parte da minha vida, construindo e reconstruindo comigo o meu eu.

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo compreender a importância da dança de salão como possibilidade da qualificação das relações interpessoais na empresa. Como objetivos específicos, pretendeu-se analisar as relações (intra) interpessoais dos praticantes da dança de salão na empresa e analisar a dança de salão como vivência capaz de qualificar as relações interpessoais, promovendo novas possibilidades de intervenções na empresa. Numa perspectiva qualitativa, empregou-se como metodologia a pesquisa-ação efetivada por meio da pesquisa cooperativa, na realização de grupos focais – Gatti (2005) e Gaskell (1999) e para análise dos dados, utilizou-se a Análise Textual Discursiva de Moraes e Galiazzi (2007). Os principais autores utilizados foram Dantas (2005;1999), Rego (2008), Rey (2005), Chanlat (2007), Jesus (2000). Os resultados apontaram para: percepção da subjetividade existente por trás do trabalhador, a destituição e superação do sedentarismo, a importância das relações entre pares, a sensação de êxtase e aumento da motivação provocadas pela dança, a relação da dança com a vida e a dança de salão como promotora de respeito, a partir do vínculo constituído, pela confiança e autoestima, propiciados pelo autoconhecimento.

Palavras-chave: Dança de salão. Empresa. Relações interpessoais. Relações Intrapessoais.

ABSTRACT

This study aimed to understand the importance of ballroom dancing as a possibility to the qualification of interpersonal relationships in the company. As specific objectives, we sought to analyze the (intra) interpersonal relationships of ballroom dancing practices in the company and analyze social dancing as an experience able to qualify the interpersonal relationships, promoting new opportunities for interventions in the company. In a qualitative perspective, a methodology of action research was used to carry out a cooperative research, in conducting focus groups-Gatti (2005) and Gaskell (1999) and for data analysis Moraes Discourse Textual Analysis and Galiazzi (2007) was used. The main authors were Dantas (2005, 1999), Rego (2008), Rey (2005), Chanlat (2007), Jesus (2000). The results showed that: perception of subjectivity exists behind the worker, and overcoming the dismissal of a sedentary lifestyle, the importance of peer relationships, the feeling of bliss and increased morale caused by the dance, the relationship between dance and life and the ballroom dancing as a promoter of respect from the link constituted by trust and self-esteem, encouraged by the self-knowledge.

Keywords: Ballroom dancing. Company. Interpersonal relationship. Intrapersonal relationship.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estrutura dos Encontros	33
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 JUSTIFICATIVA.....	13
2.1 OBJETIVO GERAL.....	14
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
3 A DANÇA DAS TEORIAS – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
3.1 A VIDA DA DANÇA: UMA BREVE HISTORIOGRAFIA.....	15
3.2 DANÇA COMIGO	19
4 PROPOSTA METODOLÓGICA.....	23
4.1 FORMAÇÃO DO GRUPO E PROCEDIMENTO DE PESQUISA.....	29
4.2 ORGANIZAÇÃO DOS ENCONTROS.....	30
5 E A DANÇA COMEÇA.....	34
5.1 CONVIVÊNCIA COM OS COLEGAS: A PERCEPÇÃO DA SUBJETIVIDADE POR TRÁS DO TRABALHADOR	42
5.2 A DANÇA DE SALÃO DESTITUINDO O SEDENTARISMO	45
5.3 RELAÇÕES QUE SE CONSTITUEM NA EMPRESA.....	46
5.4 SENSAÇÕES PROVOCADAS PELA DANÇA.....	55
5.4.1 O estado de êxtase.....	56
5.4.2 A dança como motivação da própria dança e das relações de trabalho 	57
5.5 RELAÇÃO DA DANÇA COM A VIDA	59
5.6 DANÇA DE SALÃO COMO PROMOTORA DE RESPEITO, CONFIANÇA E AUTOESTIMA.	63
5.7 RELACÕES E A DANÇA DE SALÃO	67

5.8 A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE RESPEITO A PARTIR DO VÍNCULO ESTABELECIDO ENTRE OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS.....	77

1 INTRODUÇÃO

A presente Pesquisa de Mestrado em Educação tem por objetivo abordar a dança de salão e as relações humanas, mais especificamente a dança de salão e sua implicação na qualificação das relações interpessoais na empresa.

A partir de minha prática como professora de Dança de Salão, pude perceber benefícios entre os praticantes para além da atividade física e acompanhar a densidade das suas relações. A necessidade de interagir com o outro, para juntos executarem uma mesma dança, requer afinidade, tolerância, parceria e respeito. Essas percepções me instigaram a pensar como seria essa vivência da dança em outros espaços, como na empresa.

Como pedagoga empresarial, vislumbrei, na dança de salão, a possibilidade de humanizar as relações na empresa, ao mesmo tempo em que se aborda e se reflete a cultura organizacional (a dança de salão como metáfora para repensar as relações).

A empresa constitui-se um espaço de aprendizagens na vida das pessoas, no qual se constrói conhecimento, por meio da interação, possibilitando, assim, o desenvolvimento mais integral do ser humano.

Na empresa, deve-se buscar atender os objetivos pessoais, além dos objetivos organizacionais, razão de ser da existência de uma organização, contudo, isso implicará negociação de seus objetivos que devem ser comuns ao grupo. Portanto, saber relacionar-se com o outro é fundamental para o sucesso coletivo e individual do sujeito na empresa, espaço de análise dessa pesquisa. Foi nessa perspectiva, que pensei a dança de salão.

Tanto a empresa quanto a dança de salão requerem interação, aprendizagem, pensar e agir no coletivo. Para que a dança assim aconteça, faz-se necessário duas pessoas, dois corpos pulsando num mesmo ritmo, numa mesma sintonia. Dançar a dois requer entrega, confiança e parceria, em busca da satisfação pessoal, mas, também, coletiva.

Por meio de uma reflexão sobre a prática da dança de salão como intervenção para a qualidade das relações na empresa, colocou-se a seguinte

problemática: como a Dança de Salão pode interferir nas relações interpessoais de um grupo de praticantes na empresa?

2 JUSTIFICATIVA

Na atualidade, a dança de salão vem ganhando cada vez mais espaço como prática de lazer e atividade física entre as pessoas. Talvez, isso seja reflexo da falta e da necessidade de pertencimento a um grupo, além da interação entre as pessoas, consequência das relações competitivas que se estabelecem a partir, principalmente, do espaço empresarial.

Desse modo, como pedagoga empresarial e professora de dança de salão, penso que a dança pode trazer benefícios dentro da empresa, de forma a humanizar e qualificar as relações entre os colegas de trabalho.

A partir da construção do estado da arte da dança, deparei-me com a falta de maior fundamentação teórica nessa área, sendo essa mais uma justificativa para a realização deste trabalho: preencher uma lacuna de fundamentação teórica em relação à dança de salão, principalmente sobre a possibilidade de percebê-la como uma possibilidade de intervenção positiva nas relações interpessoais.

Outro aspecto motivador dessa pesquisa foi a necessidade do professor de Danças de Salão ser um mediador na aprendizagem dos casais, considerando não serem raros os momentos em que se faz necessária sua intervenção para que as tensões se amenizem. Como na dança de salão estão envolvidas questões como relações, aprendizagens, subjetividades que influenciam e se revelam por meio da arte, penso que o professor precisa ser mais do que um instrutor para desenvolvimento das técnicas da dança de salão. Dessa forma, propus-me a refletir Educação a partir de outros espaços, contribuindo, assim, para uma visão mais ampla e profunda do próprio papel do ser educador.

Contudo, não bastaria a minha formação e as questões advindas da dança de salão, por experiência profissional, se eu não pudesse realizar a associação entre estas duas ações. Dessa forma, surgiu a necessidade da realização deste trabalho para responder a tais questões, de forma a fundamentá-las e, talvez, identificar a Dança de Salão como possibilidade de intervenção para melhora das relações interpessoais entre seus praticantes na empresa. Como a Dança de Salão pode vir a ser uma possibilidade de intervenção para melhora das relações inter e intrapessoais entre os praticantes de uma empresa?

Para tanto, teve-se como objetivos:

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender a importância da dança de salão como possibilidade da qualificação das relações interpessoais na empresa.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Analisar as relações interpessoais dos praticantes da dança de salão na empresa;

Analisar a dança de salão como vivência capaz de qualificar as relações interpessoais, promovendo novas possibilidades de intervenções na empresa.

3 A DANÇA DAS TEORIAS – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a construção teórica dessa pesquisa, buscou-se contextualizar a dança de salão, por meio da descrição da historicidade da dança e da sua evolução, desde os primeiros registros da dança até a contemporaneidade.

Ao contextualizá-la, apontaram-se aspectos característicos tanto da prática da dança de salão, como das relações que se constituem por meio dela.

3.1 A VIDA DA DANÇA: UMA BREVE HISTORIOGRAFIA

Para Portinari (1989), o registro mais remoto da dança data de 8300 a.C., descoberto na caverna de Cogul, na Espanha. Nessa imagem, há nove mulheres em forma de círculo e um homem nu no centro, indicando ritual de fertilidade. A dança era associada a cultos religiosos e com objetivos como fertilidade e abundância.

Na antiga Grécia, o ideal de perfeição para o ser humano consistia na harmonia entre corpo e espírito. O corpo bem definido e esbelto simbolizava a própria beleza para os gregos e, para se ter o corpo assim, era fundamental exercitá-lo por meio da prática de esportes e da arte da dança. Ambas as práticas faziam parte da formação do soldado desde criança. Portinari (1989) aponta que a maioria dos grandes filósofos como Sócrates, Aristóteles e Platão reconhecia a importância da dança na formação do sujeito, pois a dança possibilita maior consciência corporal. “Sócrates (c 469-399 a.C.) disse, certa vez, que os melhores na guerra eram aqueles que sabiam dançar”. (PORTINARI, 1989, p.34).

Para Ossoona (1988), mesmo durante a Idade Média, com a expansão do cristianismo, a dança continuou tendo lugar de honra dentro do culto. Em algumas catedrais, nessa época, havia um espaço reservado à dança para honrar a Deus. Contudo, essa época caracterizava-se pela vida pós-terrena, acentuando-se céu e terra, corpo e espírito, certo e errado, sagrado e profano. Sendo assim, a dança logo foi banida dos cultos religiosos do cristianismo, por tratar-se de uma prática corporal e que oferecia prazer, o que poderia conduzir o praticante à impureza.

Nessa mesma época, surge a dança na corte e com ela, se estabelece um código comportamental que passa a distinguir a maneira de dançar de cada classe social. É nesse período que podemos começar a distinguir dois grupos de dança: a dança ritualística e a dança para fins de entretenimento.

A dança, que antes se caracterizava na grande maioria por movimentos em círculo e de grupos formados geralmente por um só gênero, agora passa a possibilitar o contato físico entre homem e mulher.

Com a cortesia, o desejo erótico manifesta-se como tímida veneração da mulher; o salto vital da jovem que caracterizava as danças de fertilidade é substituído por um giro sob o braço do companheiro que segura a sua mão, o rapto da donzela dá lugar a um respeitoso ajoelhar-se aos pés da dama. (OSSONA, 1988, p.62).

Em meio ao reinado de Luis XV, na França, o entusiasmo dos dançarinos já não era mais o mesmo devido ao rígido cerimonial da corte. Uma das soluções para tal situação foram os BalsMasqués (bailes de máscaras) que ocorriam durante o carnaval. À meia-noite, os portões dos bailes, que antes eram restritos, abriam-se para os mascarados, fazendo com que o anonimato possibilitasse a aproximação de diferentes classes sociais, pois a infiltração de não convidados era facilitada pela máscara.

Com o sucesso desses bailes, o número de eventos foi aumentando durante o ano, até que o regente instituísse o baile no teatro da Ópera, tornando o que antes era permitido apenas aos nobres, acesso público ou pelo menos para aqueles que pudessem pagar a entrada. Com a popularização do evento, a nobreza começou a extinguir o acontecimento do seu meio.

Esse foi o primeiro passo para a queda dos bailes folclóricos e tradicionais. Abriu-se espaço para um estilo geral de baile e, com isso, a abertura de casas específicas para a prática da dança. Para aumentar a competitividade e conquistar o cliente, uma vez que os bailes passaram a ser pagos, os donos das casas de baile procuravam oferecer diferenciais como novidades na dança e, por consequência, lançar moda em meio à prática. Dessa forma, o número de ritmos e variedades musicais aumentou e, com isso, aumentou-se também a variedade de movimentações e possibilidades na dança. Nessa época, a dança de salão começava a se aproximar das características atuais.

A dança de salão chegou às Américas trazida pelos colonizadores para as diversas regiões, misturando-se com as formas populares e dando origem a novas modalidades como o Tango na Argentina, o Maxixe que deu origem ao Samba de Gafieira no Brasil, a Habanera, que deu origem a diversos ritmos cubanos como a Salsa, o Bolero, a Rumba, etc.

Segundo Jaime Arôxa (2009), em entrevista concedida a mim e autorizada para publicação, a dança de salão chegou ao Brasil junto com a corte portuguesa e, com ela, o Minueto, a Polka, a Habanera, danças que, na época, eram moda na Europa. Para ele, a dança no Brasil iniciou com os rituais indígenas. Depois, com a chegada dos colonizadores, o país sofre novas influências no que diz respeito às danças sociais. No período de escravidão, os negros africanos incorporam à cultura seus batuques e suas danças.

Com a mistura de costumes e culturas, surge o Maxixe, o primeiro ritmo da dança de salão essencialmente brasileiro, sendo uma mistura do movimento negro, com os movimentos europeus da valsa, principalmente da Valsa e do Minueto.

Para Arôxa (2009) é a junção do Minueto e da Valsa com os ritmos africanos que dá origem às danças de salão de uma forma geral no Brasil. Logo depois do Maxixe, variando desse ritmo, surge o Samba, depois o Chorinho e o Forró. A grande influência na dança de salão ainda é a européia, pois o costume do cavalheiro abraçar a mulher para dançar é europeu e não africano. Ele afirma que nenhuma sociedade dançava “pegado” com o outro, exceto a sociedade européia do início do século.

Carlinhos de Jesus, grande responsável pela popularização da prática e busca pela técnica da dança de salão no Brasil (2009), corrobora com a ideia quando afirma, em entrevista concedida a mim e autorizada para publicação, no Rio de Janeiro em 2009:

A primeira manifestação de dança brasileira, de dança de par brasileira, foi o Maxixe. O Maxixe é a nossa primeira manifestação. Qual é o primeiro ritmo? Quando é que se dançou junto? Um ritmo brasileiro, uma coisa brasileira, foi o Maxixe, foi o nosso primeiro ritmo. Não que não tenhamos dançado juntos antes, né? Mas a corte foi quem trouxe a dança de par para o Brasil. (JESUS, 2009).

Nos Estados Unidos, o “Swing” surgiu de grupos negros dançando ao som de jazz no início dos anos vinte. As primeiras danças criadas foram o Charleston e o Lindy Hop, dando origem a vários outros tipos de danças de swing americanos. No

Brasil, dança-se a versão brasileira do swing, o Soltinho e dentre os ritmos mais dançados destacam-se sete ritmos, tanto nos bailes quanto nas escolas especializadas, sendo eles: Bolero, Soltinho, Samba, Forró, Lambada/Zouk, Salsa e Tango.

A disseminação da Dança de Salão no Brasil é apontada como de responsabilidade de Louise Frida Reynold Poças Leitão, mais conhecida como Madame Poças Leitão, que chegou em São Paulo em 1914, fugida da I Guerra Mundial, deixando sua cidade, Lousanne, na Suíça. Percebendo que os jovens das famílias mais abastadas necessitavam de noções básicas de etiqueta, fundou a “Escola de Dança de Salão e Boas Maneiras”, em São Paulo. A dança de salão estava inclusa no conhecimento básico de etiqueta, segundo ela, indispensável na vida social da classe alta. A primeira Madame Poças Leitão parou de dar aulas em 1966 e morreu em 1974, aos 90 anos de idade. Outras madames deram continuidade ao seu feito em São Paulo, mantendo a escola em funcionamento até os dias atuais.

Muitos profissionais afirmam que no Rio de Janeiro a dança de salão cresceu nas mãos de Maria Antonietta, mestra das duas grandes referências atuais da dança de salão no país: Carlinhos de Jesus e Jaime Arôxa. Segundo Arôxa em entrevista concedida a mim e autorizada para publicação no ano de 2009:

Ela foi o elo entre o passado e o presente, pois em uma época em que as danceterias proliferaram, promovendo o afastamento dos pares, foi ela a responsável pelo resgate da importância da dança de salão. Não bastasse esse fato, ela também representa, na sua essência, a mais viva expressão da dança.

Os principais ritmos de dança de salão praticados no Brasil são: Bolero, Samba de gafieira, Forró, Salsa, Valsa, Tango, Soltinho e Zouk. Cada um dos ritmos tem uma origem diferente e um estilo de música próprio para se dançar. Portanto, para a execução de cada um desses estilos da dança de salão, é preciso alterar a forma de dançar, pois não é possível dançar do mesmo modo, por exemplo, Tango e Samba.

A música muda, o corpo sente essa diferença e passa a ser um instrumento da melodia. A beleza do dançar está na possibilidade de traduzir com o corpo o que a melodia transmite, aliada ao sentimento que aflora por meio dela.

Se pensarmos no tango, o sentimento que podemos associar é a paixão, já no bolero é o amor. Para se dançar uma valsa, é preciso leveza, contudo é fundamental que o corpo esteja firme. Já no forró, o corpo precisa estar bem solto e desencaixado. Dessa forma, é evidente a necessidade de saber ouvir a música, conseguir senti-la e, a partir disso, executar a dança. Dançar conforme a música é fundamental.

Como vimos, desde a era medieval, a dança de salão já estava presente na vida social das pessoas. Atualmente, a dança de salão conquistou espaço, percebendo-se adeptos que buscam não só aprender a dançar a dois, mas, também, a trabalhar a autoestima, combater o stress e aumentar sua rede de relacionamentos.

Segundo Carlinhos de Jesus (2009), após aproximadamente vinte anos de esquecimento da dança de salão, quando o dançar a dois foi substituído pelas discotecas, a dança de salão volta a ganhar força e leva a crer que veio pra ficar. E será dentro dessa perspectiva que se buscará pensar a dança de salão em novos contextos, como a empresa.

3.2 DANÇA COMIGO

Dançar a dois requer interação, sintonia, tolerância, além de proporcionar uma sensação maravilhosa que traz resultados não só na sociabilidade e comunicação daqueles que dançam, mas, também, beneficia diretamente a saúde física e mental, aguçando as noções de espaço e de tempo, desenvolvendo no praticante mais atenção e disciplina. Por meio da dança, as pessoas se soltam, se desinibem e, conseqüentemente, se comunicam melhor. Talvez o nosso tempo esteja a nos exigir isso, por isso a dança de salão é tão atual.

Durante a aprendizagem da dança de salão, o aluno, além de aprender a lidar e a conhecer melhor o seu corpo, passa a aprimorar a percepção musical em função da necessidade de identificação da marcação da música.

A dança pode aliviar as tensões e evitar o excesso de stress, aumentando a qualidade de vida. Para Gonçalves e Vilarta (2004), o termo qualidade de vida pode

ser caracterizado como *“a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e do sistema de valores em que vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”*. (p. 32)

Dentre tantas vantagens que a dança de salão propicia aos praticantes, destacam-se algumas: o já mencionado alívio das tensões e combate ao stress; o aumento do poder de concentração; a melhora do raciocínio e a forma de organizar as ideias, pois é preciso planejar antes de executar as movimentações e apurar os sentidos.

Se analisarmos mais especificamente a importância e a funcionalidade dos sentidos para a prática da dança de salão, é possível pontuar que a visão fica apurada para que se possa controlar o fluxo do baile e evitar um acidente; a audição precisa estar atenta para que não se perca o ritmo e o andamento da música, além de ouvir a letra e a melodia, transmitindo-a e a interpretando por meio das movimentações; o tato é responsável pela capacidade de condução do cavalheiro e também da compreensão e receptividade da condução pela dama.

Outro aspecto importante provocado pela dança de salão é a melhora na comunicação entre as pessoas que a praticam, tendo em vista que há uma predisposição, um estar atento ao outro, por se tratar de uma dança indispensavelmente dançada a dois.

Aprender a lidar com o seu erro e com o erro do parceiro, melhorando a adaptação e flexibilidade, também é fator fundamental para que a dança de salão aconteça. É evidente em casais que dançam há mais tempo o quanto a sintonia e a sinergia desenvolvida na dança os torna quase perfeitos ao dançarem. Os papéis ficam tão claros e definidos que cada um sabe como, onde e quando colaborar para o sucesso coletivo.

Retomando citações anteriores, podemos verificar que a dança sempre foi considerada fundamental na formação do sujeito em diferentes períodos, sendo citada mesmo por filósofos. Esses acreditavam que a dança propiciaria maior controle e compreensão corporal. De fato, a dança possibilita ao praticante adquirir melhor postura e equilíbrio, conseqüentemente maior controle e consciência do próprio corpo e de seus movimentos, além de ser um exercício físico, que propicia relaxamento e diversão.

A partir de minha experiência pessoal, durante todo o período que leciono dança de salão, percebo que essa serve como terapia para as pessoas, pois obrigatoriamente precisam se relacionar, formar parcerias, pertencer a um grupo.

Para além do olhar que a dança pode nos provocar sobre o nosso próprio movimento, corpo e espaço que ocupamos, a dança provoca os sentidos e a busca pela compreensão dos sentimentos. No livro “A Dança” de Klaus Vianna, Ana Francisca Ponzio, jornalista, crítica de dança e curadora de eventos de dança diz:

Explorando o lúdico de todos nós, percorrendo e descobrindo espaços na sala... de repente, me dava conta de que estávamos redescobrando o óbvio – ou a nossa grande capacidade de, no dia-a-dia, nos fecharmos para as sutilezas (ou a poesia) da vida. (KLAUSS, 2005, p.153).

Para Dantas (2005), “*o corpo aprende a dançar no trânsito entre o determinismo e a aleatoriedade*”. Sendo assim, é um processo de descoberta, de experimentação, de autoconhecimento e de aprendizagem. O aprender, o educar-se, é um processo de corpo inteiro.

Para Galvão (1995), a educação, segundo Wallon, deve ocorrer por inteiro, baseando-se em quatro elementos que se comunicam o tempo todo: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa, visando à formação integral do sujeito.

Para o autor, as emoções têm papel preponderante no desenvolvimento da pessoa. É por meio delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades. As emoções são altamente orgânicas, por isso, influenciam na respiração, nos batimentos cardíacos e até no tônus muscular, sendo que dependem fundamentalmente da organização dos espaços para se manifestarem.

A motricidade tem, portanto, caráter pedagógico tanto pela qualidade do gesto e do movimento quanto por sua representação. Ainda para Galvão (1995), Wallon aponta que a escola limita a mobilidade do aluno e, dessa forma, limita também a fluidez das emoções e dos pensamentos, extremamente necessários para o desenvolvimento integral da pessoa.

Galvão (1995) considera que a construção do eu, na teoria de Wallon, depende essencialmente do outro. Seja para ser referência, seja para ser negado. O fato é que para o autor só nos constituímos sujeitos por meio do outro.

Tanto para Vygotsky, quanto para Wallon, o sujeito não é apenas ativo, mas interativo, porque forma conhecimentos e se constitui a partir de relações intra e interpessoais.

É na troca com outros sujeitos e conosco mesmos que internalizamos os conhecimentos, papéis e funções sociais, permitindo a formação de conhecimentos e da própria consciência. Trata-se de um processo que caminha do plano social – relações interpessoais – para o plano individual interno – relações intra-pessoais.

4 PROPOSTA METODOLÓGICA

Buscando pensar as questões metodológicas da pesquisa, não apenas com o intuito de descrever uma trajetória investigativa, mas de mostrar o quanto a escolha dessa caminhada me faz repensar o meu próprio pensar, percebo que é preciso também permitir o pensamento “dançar” para construir outro modo de olhar a empresa, sendo a metodologia o caminho que norteia esta dança.

Dessa forma, essa proposta está sustentada numa abordagem qualitativa, mobilizada pela inquietação sobre a dança de salão e suas implicações nas relações no espaço da empresa, com ênfase na pesquisa-ação.

Para Carr e Kemmis

A pesquisa-ação, assim compreendida, é simultaneamente, coletiva e individual, teórica e prática, envolvendo constante ação e reflexão em grupos de estudos que questionam o seu trabalho e buscam aperfeiçoá-lo e aperfeiçoar-se. A interação que se estabelece entre indivíduo e sociedade encontra-se no núcleo deste processo participativo e colaborativo de auto-reflexão. (1988, p.198).

Ao propor a análise da dança de salão como possível intervenção positiva nas relações dentro da empresa, desejei provocar a reflexão de cada sujeito participante sobre a sua relação consigo mesmo, com seu corpo e com suas subjetividades, para que, a partir desse olhar mais atento a si, pudesse enxergar no outro para além do que está posto, qualificando e humanizando as suas relações.

Para tanto, acredito que a pesquisa-ação possa me respaldar nesse sentido, uma vez que considera os sujeitos envolvidos e o contexto, valorizando a participação e a autonomia no processo, a fim de propiciar alternativas que possam encaminhar/sugerir uma qualificação na realidade que está sendo investigada.

Para proceder a realização da investigação na perspectiva da pesquisa-ação, utilizei-me da pesquisa cooperativa, a qual envolve um trabalho conjunto e de interação progressiva entre o pesquisador e os pesquisados.

A pesquisa cooperativa tem por objetivo gerar inovações educacionais, por meio da modificação das concepções nas pessoas que dela participam.

Para Reason, a pesquisa cooperativa “*consiste fundamentalmente em que as pessoas trabalhem juntas, como co-pesquisadoras, explorando e modificando seu mundo*” (1988, p.18).

Nesse tipo de pesquisa, sua evolução está condicionada a comunicação entre os participantes, num constante crescimento por meio do processo reflexivo, tendo como desafio a reunião dos recursos em comum, os interesses e a capacidade profissional, para alcançar a construção de propostas que venham beneficiar o ambiente no qual estão inseridos, nesse caso, a empresa.

Seu desenvolvimento se deu por meio de encontros semanais com objetivos específicos para cada um deles, utilizando-se da técnica de grupos focais.

Para Gaskell (1999), um grupo focal é um espaço em que as pessoas se apropriam da fala do outro, de suas considerações para a formulação da sua própria resposta, bem como comentam suas próprias experiências e a dos outros. Essa técnica proporciona um ambiente facilitador do surgimento da sinergia do grupo, sendo possível observar a construção e a liderança das opiniões, permitindo um nível de envolvimento emocional que raramente é visto em uma entrevista a dois.

Gatti (2005) comenta, também, que o método de grupo focal no âmbito das abordagens qualitativas em pesquisa social, vem sendo cada vez mais utilizado. É importante que os participantes tenham alguma vivência em relação ao tema escolhido, qualificação nas relações, para que suas contribuições possam partir de experiências cotidianas. A técnica se denomina assim, por se tratar de um grupo “focalizado” em algum tema, no sentido de envolvê-los em alguma atividade coletiva.

A pesquisa por meio dos grupos focais não é recente. Em 1920 já era utilizada tendo como tema o marketing, contudo, desde a década de 80, vem ganhando maior interesse e um novo olhar no intuito de adaptar essa técnica ao uso da investigação científica. Tratar-se de uma ótima possibilidade para pesquisas sociais e humanas, exigindo muito comprometimento do mediador para que a pesquisa seja idônea.

O mediador longe de posicionar-se e induzir o diálogo do grupo deve exercer seu papel de mediador, facilitando as trocas e mantendo o objetivo da pesquisa pela qual o grupo está reunido. Seu grande objetivo é possibilitar a fluência do diálogo entre o grupo, tendo claro que o foco dessa técnica não está nas perguntas

lançadas ou nas respostas dos participantes, mas, sim, na interação, na troca entre o grupo, no que o provoca e emerge desse encontro.

Para Gatti (2005), o grupo focal viabiliza a possibilidade de obtenção de diversos pontos de vista de um mesmo assunto, por pessoas que apresentam algum ponto em comum. Dessa forma, é possível compreender a realidade desse grupo e como concebem suas crenças, valores, relações, hábitos, preconceitos, linguagens e simbologias.

Para a autora, os grupos focais podem ser empregados na triangulação, a fim de validar os dados, ou, posterior à intervenção, para medir o impacto dessa e abrir caminho a novas investigações.

Sugere ainda que a adesão ao grupo possa ser opcional e não por obrigação, uma vez que é necessário o envolvimento do participante com o objetivo do trabalho. Dessa forma, o grupo será enriquecedor não só para o pesquisador, mas, também, para os participantes, os quais melhoram sua comunicação e aprimoram aspectos cognitivos e afetivos.

Krueger e Casey (*apud* GATTI, 2005) corroboram com a ideia de que em alguns casos essa técnica não propicia a mistura de gêneros, pois em grupos mistos os homens tendem a falar mais e com maior autoridade para impressionar as mulheres. Chama essa atitude de “efeito galo”. Tal comportamento pode irritar as mulheres e prejudicar o andamento da pesquisa.

Outro aspecto importante na utilização dessa técnica é o número de participantes. A autora sugere que os grupos tenham de seis a doze pessoas, contudo, mesmo a adesão sendo voluntária e, a princípio, o participante estar motivado, é comum que haja desistências na última hora.

Na montagem dos grupos, a autora sugere evitar pessoas que se conheçam muito, o que pode ser inevitável no espaço empresarial. Pessoas com muita intimidade podem formar grupos fechados, monopolizando a participação ou ainda boicotando a troca entre os participantes. Da mesma forma, sugere evitar a participação de pessoas que já integraram outros grupos focais, pois como conhecem a dinâmica, podem interferir no processo, com preparações prévias ou ideias preconcebidas.

Tais considerações parecem importantes de serem contempladas no intuito de minimizá-las caso venham a ocorrer.

Como o grupo deverá se reunir por algum tempo durante a sessão, é necessário o mínimo de conforto, como cadeiras e o próprio ambiente. Alguns autores sugerem que o encontro se dê em torno de uma mesa, seja ela de qualquer formato, facilitando até mesmo o registro do observador.

Em relação a esse registro, sugere-se que seja feito por filmagem, gravadores de áudio ou ainda por dois relatores, que estarão apenas fazendo os registros sem interação com o grupo. A ideia de dois relatores ocorre em função de ser quase impossível registrar tudo o que se passa e o que é dito. Contudo, duas pessoas registrando possibilitam a complementação dos acontecimentos, das vivências e sinais. Ainda assim, é importante logo ao final de cada sessão de grupo focal, uma troca de informações entre relatores e mediador para a confirmação de que tudo que foi relevante esteja registrado.

O meio mais utilizado para a obtenção desse registro é a gravação de áudio. A filmagem pode ser considerada tanto intrusiva no grupo. Algumas pessoas tendem a não ficar à vontade em frente a uma câmera, ou ainda a falta de sigilo que a filmagem oferece pode inibir e restringir a participação do grupo. Outro fator que a dificulta é a necessidade da filmagem ser realizada num plano mais aberto, a fim de captar todos os participantes, o que pode prejudicar a qualidade do áudio.

Contudo, os autores afirmam que, embora haja registros de áudio ou de imagens, recomenda-se que as anotações sejam feitas durante a sessão, de preferência, realizadas pelo observador e não pelo mediador. Essas observações ajudarão a retomar e compreender momentos de dispersão, cochichos ou ainda alianças ou intrigas, ou seja, pontos importantes que podem passar despercebidos no registro geral. Por considerar um aspecto relevante, contei com a participação de uma segunda observadora para o registro das observações na referida pesquisa. A observadora, pedagoga empresarial, também é praticante da dança de salão, características que julguei importantes para a execução da tarefa proposta.

Para Gatti (2005), a utilização de questionários como material de apoio é opcional, mas seu uso e, principalmente o momento de aplicação, devem ser bem pensado. Se aplicados antes do final das sessões, podem influenciar nas opiniões;

se aplicados posteriormente, podem ser influenciados pelas trocas no grupo. Ainda assim, é mais fácil aplicá-lo depois e confrontar as falas dos encontros a fim de validar as respostas.

A autora lembra que a coleta de dados complementares sobre cada sujeito facilita para o mediador traçar o perfil do grupo, identificando aspectos que os assemelham e os que os diferem. Essa coleta auxilia o moderador a reestruturar as questões e a própria mediação das sessões de grupo focal.

Embora haja restrições quanto ao uso de filmagens, experiências anteriores bem sucedidas da pesquisadora justificam sua opção por essa forma de registro ao lado de anotações de observações.

Quanto ao número de sessões e de duração de cada uma delas, a autora afirma que é variável conforme o tema, o objetivo e o próprio grupo. Porém, ela sugere que a sessão tenha no mínimo 1h30min e no máximo 3h de duração cada. Em geral, não é preciso mais do que duas sessões para a coleta de material suficiente.

A abertura do grupo focal é um momento importante para que os integrantes sintam-se confortáveis e à vontade para a troca com os colegas. O moderador faz uma breve apresentação e permite a cada um que o faça também. Os objetivos e os pontos principais das sessões devem ser esclarecidos, além de explicar o porquê da escolha desses integrantes, dar-lhes garantia de sigilo dos registros e de seu anonimato.

Os participantes devem ficar à vontade para manifestar quaisquer contribuições ou comentários em relação ao assunto proposto, tendo em vista que toda a informação é relevante para o produto final. Também é importante ressaltar que essa é uma conversa grupal e não uma entrevista coletiva, portanto o diálogo não precisa dar-se como resposta ao moderador.

Gatti sugere algumas possibilidades para o início da sessão. A primeira seria solicitar ao grupo que coloque algum ponto de vista em relação ao tema, ou dar-lhes 10 minutos para o registro a ser compartilhado com o grupo.

Para as próximas sessões, é possível que o moderador inicie com alguma frase ouvida na fala do grupo, durante a sessão anterior, questionando seus integrantes sobre o que pensam em relação a ela.

Jenny Kizinger (*apud* GATTI, 2005, p.33) considera o trabalho no grupo focal uma possibilidade de clareamento das ideias e não um evento “natural” e “espontâneo”. Kizinger propõe que, nas primeiras sessões do grupo focal, o moderador evite manifestar-se, permitindo que o grupo comece a fazer escolhas em relação aos pontos que consideram importantes sobre o tema em questão. Nas demais sessões, o moderador deve aumentar as intervenções a fim de que haja uma condução em relação aos pontos que são necessariamente relevantes à pesquisa.

Segundo Pizzol (*apud* GATTI, 2005, p.34), dentre as funções já citadas, o moderador precisa, também, manter produtiva a discussão, auxiliar o grupo a não perder o enfoque do debate, garantir a participação de todos e evitar a monopolização das participações. A ele cabe, ainda, o controle de tempo de cada sessão e o destinado a cada tópico das metas da pesquisa.

Para a análise dos dados, Gatti (2005) sugere a retomada dos objetivos da pesquisa que nortearão a escolha do processo para análise dos dados e também das interpretações subsequentes.

Nos casos de registros de áudio e de voz, é necessária a transcrição dessas para a produção das interpretações aliadas aos registros feitos durante as sessões. No momento de relacionar os materiais colhidos, é importante a participação do mediador, que poderá contribuir com vivências e sentimentos expressos nas falas.

Não é necessário também usar todos os dados coletados na produção da pesquisa, apenas os relevantes para atender os objetivos propostos. Outro aspecto relevante é a necessidade do pesquisador, que interpretará e analisará os dados, fazer isso de maneira idônea, ética e não tendenciosa, com objetivo de atender às suas expectativas.

A técnica do grupo focal foi utilizada a cada quatro encontros, no 4º, 8º, 12º e 16º. A partir da realização do grupo focal, houve a coleta de dados para posterior análise e interpretação à luz das teorias que embasam essa pesquisa, orientadas na análise textual discursiva, a qual consiste na unitarização, categorização e produção de meta-textos, proposta por Moraes & Galiazzi (2007).

A partir da transcrição das gravações e do registro das observações dos encontros, extraiu-se a essência das falas e dos registros. Num olhar atento às

questões previamente pontuadas nos objetivos de cada encontro e, aberto ao novo apontado pelo grupo, foi possível, por meio da unitarização, construir a categorização da pesquisa, o que norteou a interpretação dos dados e a seleção do que se considerou relevante.

A partir da análise textual discursiva, pretende-se não apenas apropriar-se de uma metodologia de análise para produzir os resultados da pesquisa, mas provocar transformações do pesquisador numa perspectiva epistemológica, ontológica e de metodologia, numa abordagem essencialmente qualitativa, que visa construções e reconstruções, à procura de maior compreensão dos fenômenos investigados.

Para Moraes & Galiazzi (2007), por meio dessa metodologia, é possível analisar a complexidade, a subjetividade da pesquisa e do contexto, possibilitando um grande desafio de ruptura de paradigmas, desconstruindo o já formatado, reconstruindo novas perspectivas. O pesquisador, impregnado com os fenômenos, precisa conviver com a dúvida e a insegurança, tornando esse processo, também, um processo de autoconhecimento, onde precisa assumir a própria voz e a autoria interpretativa.

4.1 FORMAÇÃO DO GRUPO E PROCEDIMENTO DE PESQUISA

A empresa escolhida aleatoriamente para a realização está localizada em Novo Hamburgo – RS. É uma empresa jornalística e familiar.

Pode-se considerar uma empresa familiar, segundo Oliveira (1999) aquela que transfere o poder decisório de maneira hereditária a partir de uma ou mais famílias. Também, essa ligação precisa resultar na influência recíproca dos interesses e objetivos da família, na política geral da empresa.

A empresa em que a pesquisa foi realizada conta com 57 anos de existência, e com, aproximadamente, 2000 colaboradores.

Acordou-se a entrega do projeto de pesquisa à empresa, após qualificação do seu projeto no curso de Mestrado da pesquisadora. No mês de abril de 2011, a proposta foi lançada via e-mail e cartazes, distribuídos nos murais da empresa.

Nesse momento, os interessados, trabalhadores do Grupo, puderam manifestar-se e confirmar a participação na pesquisa, assinando o termo de adesão.

Foi possível a participação pessoas de qualquer setor, desde que as pessoas estivessem dispostas a frequentar, semanalmente, as aulas de dança de salão realizadas na própria empresa, em quartas-feiras, durante quatro meses, totalizando 16 encontros. Formou-se um grupo com o número igual de homens e mulheres participantes. Ao todo, 12 trabalhadores, com idade entre 19 e 50 anos, sendo 6 homens e 6 mulheres, o que possibilitou a formação de casais para a prática da dança de salão.

Os participantes da pesquisa eram de diferentes setores da área administrativa. O integrante da pesquisa com menos tempo de empresa era colaborador há um ano e meio e o participante com maior tempo de serviço, tinha 20 anos de empresa. Considerando a idade, o tempo de empresa e a área de atuação, o grupo pode ser considerado bastante heterogêneo.

Ao final da pesquisa, totalizaram-se 17 encontros de 1h30 cada, no intuito de analisar as relações entre os colegas de trabalho, praticantes de dança de salão, dentro da empresa.

4.2 ORGANIZAÇÃO DOS ENCONTROS

Para melhor organização dos encontros, elaborou-se um quadro contendo os objetivos e as propostas de ação para cada encontro. Segue abaixo:

OBJETIVO GERAL	Provocar, a partir da prática de dança de salão, a reflexão sobre a relação consigo mesmo, com o outro e com o todo, para a qualificação das relações.		
1º Encontro	04 de maio de 2011	Objetivo: <ul style="list-style-type: none"> • Apresentar a proposta e realizar a apresentação do grupo. • Propiciar ao trabalhador o re-encontro com o seu corpo. 	Ações: <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da proposta de pesquisa e da pesquisadora. • Apresentação individual dos participantes. • Atividades para desenvolvimento da percepção corporal. • Apresentação dos ritmos.
2º e 3º Encontros	11 e 18 de maio de 2011	Objetivos: <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a parceria para a prática da 	Ações: <ul style="list-style-type: none"> • Atividades para o desenvolvimento da percepção musical.

		dança. • Introduzir o dançar a dois.	• Conductor e conduzido: identificação de papéis do estímulo e resposta.
--	--	---	--

4º Encontro	25 de maio de 2011	Objetivos: • Compreender a importância de deslocar-se pelo salão, interagindo com o todo. • Coletar dados sobre as percepções do grupo em relação ao objetivo da pesquisa e as vivências obtidas até o 4º encontro, por meio da técnica de grupo focal.	Ações: • Orientação sobre o fluxo do baile em sentido anti-horário. • Estudo dos movimentos que possibilitam e facilitam o deslocar-se. • Diálogo sobre as vivências até o momento e registro individual das suas percepções. (como é dançar a dois? Dificuldades... facilidades...) • Realização de grupo focal.
--------------------	--------------------	---	---

Questões provocadoras para o grupo focal:

- Por que participar desse grupo?
- Que tipo de relações se constituem numa empresa?

5º, 6º e 7º Encontros	1º, 08 e 15 de junho de 2011	Objetivos: • Desenvolver a musicalidade • Intensificar a importância da boa postura para dançar a dois. • Controlar o seu movimento para não prejudicar o movimento do outro. • Conhecer novas movimentações em busca do domínio da técnica, para a fluidez da dança.	Ações: • Novas movimentações dos ritmos abordados. • Análise musical: perceber diferentes instrumentos, compreender a letra e o entregar-se à dança.
------------------------------	------------------------------	---	--

8º Encontro	22 de junho de 2011	Objetivos: • Apreciar a dança de salão e sentir o estado de êxtase que ela provoca. A arte como expressão dos sentimentos.	Ações: • Realização de uma surpresa ao grupo: um dançarino de danças de salão participará do encontro para que o grupo perceba a dança como manifestação artística, entrega à música, expressão corporal e vislumbre as possibilidades da dança de salão como uma técnica em busca do desenvolvimento do corpo dançante. • Realização de grupo focal.
--------------------	---------------------	---	---

Questões provocadoras para o grupo focal:

- O que a vivência lhe provocou?
- Relação da dança com a sua vida: comente.

9º, 10º e 11º Encontros	29 de junho, 06 e 11 de	Objetivos: • Introduzir novos	Ações: • Apresentação de novos ritmos.
--------------------------------	-------------------------	----------------------------------	---

	julho de 2011	ritmos. <ul style="list-style-type: none"> Compreender a dança de salão como metáfora para pensar as relações: paciência, tolerância, autoconhecimento, parceria, respeito ao outro, superação e sinergia. 	<ul style="list-style-type: none"> Diálogos sobre a relação com o outro e a importância de cada um assumir seu papel para o sucesso da dança. Desenvolvimento da técnica da dança de salão.
--	---------------	---	---

12º Encontro	13 de julho de 2011	Objetivos: <ul style="list-style-type: none"> Provocar e conhecer as percepções do grupo em relação à pesquisa, através do grupo focal. 	Ações: <ul style="list-style-type: none"> Exibição de um trecho do filme: "Vem Dançar" em que o professor de danças de salão apresenta os diversos benefícios da prática da dança para a qualificação das relações. Provocação no grupo quanto ao que foi apresentado e deixá-los expressar suas percepções, por meio de grupo focal.
---------------------	---------------------	---	--

Questões provocadoras para o grupo focal:

- Que inspirações foram provocadas pela fala do personagem do filme?
- Relações e dança de salão: comente.

13º, 14º e 15º Encontros	18, 20 e 27 de julho de 2011	Objetivos: <ul style="list-style-type: none"> Intensificar o revezamento dos pares e vivenciar a prática de baile. Aprimorar a técnica da dança nos diferentes ritmos abordados. Provocar constantemente reflexões sobre a dança e a relação consigo mesmo e com o outro. 	Ações: <ul style="list-style-type: none"> Intensificação da técnica da dança. Retomada dos ritmos trabalhados, ampliando os conhecimentos e movimentações. Intervenções para a reflexão sobre a dança, sobre o seu corpo e o corpo do outro. Encontro do seu espaço no abraço do outro.
---------------------------------	------------------------------	---	--

16º Encontro	1º de agosto de 2011	Objetivos: <ul style="list-style-type: none"> Atender ao desejo do grupo de realizar uma apresentação para os demais colegas da empresa. Coreografar uma sequência de dança com três ritmos diferentes para que os participantes da pesquisa possam segui-la e, assim, sentir-se mais seguros na apresentação. Combinar figurino e horário para a apresentação. 	Ações: <ul style="list-style-type: none"> Escolha dos três ritmos de preferência do grupo. Ensaio das sequências coreográficas criadas. Combinações inerentes à organização da apresentação.
---------------------	----------------------	---	--

17º Encontro	03 de agosto de 2011	Objetivos: <ul style="list-style-type: none"> Avaliar todos os encontros do grupo tendo como referência o problema e os objetivos da pesquisa. 	Ações: <ul style="list-style-type: none"> Apresentação de vídeo de dança em que um grande grupo de bailarinos apresenta-se e durante a dança aparecem palavras que apontam conceitos necessários para o sucesso da dança,
---------------------	----------------------	--	---

		<ul style="list-style-type: none"> • Coletar dados para a análise dos resultados. • Realizar grupo focal. 	como: parceria, confiança, determinação... <ul style="list-style-type: none"> • Permitir que o grupo se posicione, através de pequenas provocações, procurando chamar aqueles que ainda não contribuíram. • Registro das manifestações e das percepções da pesquisadora.
Questões provocadoras para o grupo focal: Que semelhanças e diferenças são percebidas no dançar a dois e na convivência com o outro? O que essa experiência vivida na pesquisa lhe propiciou? Como acreditam que a dança de salão possa vir a ser uma possibilidade de melhoria de qualidade das relações intra e interpessoais na empresa?			

Quadro 1 – Estrutura dos Encontros

Fonte: Produção da Pesquisadora.

Os encontros ocorreram semanalmente, no horário das 18h às 19h30, na sede da empresa, no município de Novo Hamburgo, no estado do RS.

Foi proposto ao grupo o ensino de alguns ritmos da dança de salão, dentre o bolero, o samba de gafieira, o forró, a salsa e o tango.

A partir das aulas, o grupo foi provocado a realizar reflexões sobre a influência da prática de Dança de Salão nas relações interpessoais do grupo.

Para cada encontro houve objetivos específicos e, a cada quatro encontros, proporcionou-se um momento de reflexão sobre as vivências e as implicações da dança de salão nos sujeitos participantes, por meio de grupos focais, conforme descrito no quadro. Além da pesquisadora, houve a presença da pedagoga empresarial Rosângela Brogni, também praticante da dança de salão, para registro das observações.

5 E A DANÇA COMEÇA

O grupo formou-se com 12 participantes, com idades entre 20 e 50 anos. Destes, seis eram homens e seis eram mulheres, o que propiciou a formação de casais, facilitando a prática da dança de salão. Contudo, no primeiro encontro, compareceram apenas quatro participantes, o que resultou na necessidade de retomar a importância da participação de todos, para que a pesquisa pudesse ser legitimada e validada.

O motivo relatado para tamanha ausência no primeiro encontro foi o condicionamento em bater o cartão ao final do expediente e dirigir-se à saída. Embora tenha sido enviado e-mail, no dia anterior, lembrando a data de início das aulas, a força do hábito fez com que oito dos doze participantes esquecessem o compromisso.

Ao fortalecer a necessidade da participação assídua dos integrantes, questionou-se a razão pela qual o grupo optou em participar dessa pesquisa e foram apontadas as seguintes razões: o gosto pela dança, sendo que quatro dos participantes praticam ou já praticaram algum estilo de dança; a superação da timidez por meio da dança, citada por dois participantes; superação do desafio de dançar, a fim de desenvolver autoconfiança para encarar uma pista de dança; conhecer melhor, conversar e estreitar relações com os colegas para além do trabalho.

Após as apresentações, tanto dos participantes, quanto das expectativas, apresentou-se a proposta da pesquisa: a realização de 16 encontros para a prática da dança de salão e a reflexão sobre as relações interpessoais na empresa, a partir dos grupos focais, realizados a cada quatro encontros.

O grupo demonstrou estar muito atento e disposto às aulas. Alguns se conheciam somente de vista, outros mantinham relações mais próximas, como o J. e L, subordinado e chefe, respectivamente. A tensão natural que permeou a primeira aula de dança foi quebrada com eventuais brincadeiras e comentários, possibilitando certa descontração no grupo.

Para que haja um olhar para o outro é preciso que antes o sujeito olhe para si mesmo. Ao reconhecer-se como sujeito, passa a reconhecer o outro. Desse modo, o objetivo desse primeiro encontro foi propiciar ao trabalhador o re-encontro com o seu corpo, por meio de movimentos de controle corporal como transposição de peso de uma perna para a outra, projeção de corpo para frente e para trás, a fim de estimular a percepção de equilíbrio e eixo para a maior compreensão corporal.

Para Vianna (2005), as pessoas só conseguem realizar trocas com as outras após atingirem certo nível de conhecimento de si mesmas. Neste processo de autoconhecimento, normalmente, o corpo está esquecido e é preciso provocar esse olhar, sendo que, muitas vezes, lembramos deste corpo apenas quando sentimos dor. Somos todos, sem exceção, bailarinos da vida, todos nos movendo para um único e fundamental objetivo: o autoconhecimento. Portanto, a dança, para Klauss, deve ser vivida e entendida “*como um processo de autoconhecimento, de comunhão com o mundo e de expressão com o mundo*”. (Klauss, 2005, p.18)

Na prática da dança de salão, essa é uma via de mão dupla, pois ao mesmo tempo em que se promove o autoconhecimento, a qualificação da relação intrapessoal do sujeito dançante, é inevitável a interação com o outro.

A dança de salão promove o desenvolvimento integral do sujeito dançante, tendo em vista que a dança não se faz apenas dançando, mas, também, pensando e sentindo: dançar é estar inteiro. Para Klauss, *a inconsciência é o que gera a mediocridade*. (2005, p.34)

Complementa e enriquece Brikman (1989), para quem a expressão corporal leva à manifestação da personalidade, a um conhecimento e a uma consciência mais completos, para fora e para dentro de si mesmo, e, enfim, para uma comunicação mais fluída, capaz de promover uma profunda transformação da atitude básica da personalidade.

Percebemos, assim, uma íntima relação dessa prática com a formação do sujeito mais atento a si e aos outros. Por isso, a dança de salão pode ser pensada dentro do contexto educacional como um elemento importante na constituição do sujeito.

Após proporcionar ao grupo em questão, a vivência de situações visando a compreensão corporal, além da execução do passo dois pra lá e dois pra cá

individualmente, proporcionou-se o primeiro contato a dois, atendendo a mais dois objetivos propostos para os três primeiros encontros: introduzir o dançar a dois e desenvolver a parceria para a prática da dança de salão.

O ritmo escolhido para iniciar o dançar a dois foi o Bolero. Consta que seu nome deriva da palavra espanhola volero (devolar = voar). O bolero é uma dança agradável e elegante com letras sentimentais. É um ritmo que apresenta uma estrutura quaternária, tendo como um dos passos básico o dois pra lá, dois prá cá.

Todos dançaram com todos, de uma forma tranqüila. Alguns apresentaram mais dificuldades, porém o grupo demonstrava facilidade em relação à percepção de ritmo e a pré-disposição às aulas. O dançar a dois, inicialmente, apresentou-se mais na negociação do que na prática. Ainda não havia uma compreensão clara o suficiente do corpo do outro, e do seu próprio corpo, para que a dança ocorresse com fluidez.

Como já citado, a dança de salão pressupõe dançar a dois. Nesse processo, inicia-se uma troca, uma parceria, uma relação interpessoal que depende da relação intrapessoal do sujeito dançante com ele mesmo. É fundamental, portanto, uma pré-disposição para dançar a dois, pois ainda que o cavalheiro seja o condutor, sua função só poderá ser exercida se a dama possibilitar. Só há condução quando há uma resposta ao estímulo.

Nesse contexto da dança de salão, mais especificamente num baile, identificamos demais casais que compartilharão desta “pista”. Assim, o casal que dança necessariamente precisa relacionar-se com o todo, com o social e, para tanto, precisa atender a regras que permitam a fluidez no salão.

Sendo assim, esclareceu-se ao grupo talvez a principal regra para a prática da dança de salão: a necessidade da existência de um condutor e de um conduzido. Nesse momento, o grupo foi questionado ao saber quem assume cada papel e muitos dizem: “o homem conduz, mas a mulher é quem deveria conduzir”. De fato, o homem é o condutor na dança de salão, por tratar-se de uma dança que, surgiu no século XV, na França, conforme já citado anteriormente, onde não caberia o homem ser conduzido pela mulher, característica mantida até os dias atuais.

Contudo, é preciso esclarecer que essa não é uma relação de submissão, uma vez que alguém precisa conduzir, sendo impossível uma condução de ambos

dançarinos. Por convenção, essa é uma função masculina, mas que conta com o papel fundamental da dama, tendo em vista que havendo um condutor, é preciso que alguém permita essa condução.

Essa não é uma relação fluída e natural. É preciso exercitar esta parceria que dependerá da confiança da mulher primeiramente nela mesma e posteriormente no seu condutor, o cavalheiro. Da mesma forma, é preciso que o cavalheiro tenha autoconfiança para que possa transmitir de forma clara à dama a informação coerente que gerará o movimento que ele deseja que ela execute. E para essa parceria, é preciso exercício, sintonia e confiança, e confiança não depende de combinação e sim da confiabilidade que o outro lhe inspira.

Para Covey (2002), confiabilidade é fruto do caráter da pessoa. Para um sujeito ser digno da confiança de outro, é preciso que ele seja capaz de inspirar confiabilidade, a partir do seu modo de ser e agir, aliado ao fato de ser competente. Para o sujeito ser considerado competente, é preciso demonstrar capacidade em executar o que se propõe. Portanto, a confiança surge pela confiabilidade inspirada pelo outro a partir do seu caráter e competência. Analisando a teoria de Covey, é possível afirmar que confiança não pode ser acordada e sim, conquistada.

Para o autor, confiança é a conta bancária emocional entre as pessoas, possibilitando um acordo que garanta um comprometimento em relação ao desempenho das partes. Na medida em que duas pessoas confiam uma na outra, apoiadas na confiabilidade a qual se inspiram, a comunicação passará a ser mais clara, surgindo empatia, sinergia, desencadeando uma interdependência produtiva.

Ainda acrescenta que, por outro lado, se uma das partes for incompetente, por meio de treinamento é possível desenvolver tais habilidades. Contudo, se houver falha de caráter, será necessário fazer e manter promessas, aumentar a autoconfiança, melhorar habilidades e, partindo disto, buscar a reconstrução de relacionamentos de confiança.

Para Gilley (1999), a autoconfiança é o que possibilita a relação com os demais sujeitos numa equipe:

Quando temos confiança em nós mesmos, confiança em nosso eu verdadeiro e autêntico, conseguimos nos relacionar com o resto da equipe. Acreditamos nas pessoas, e essa crença leva os outros a darem tudo de si e, depois, alguma coisa a mais. Aceitamos as pessoas tais como são e

valorizamos as diferenças como uma dádiva para o futuro e um passo a mais rumo à totalidade da equipe. (GILLEY, 1999, p. 29).

Tendo em vista a importância de toda essa parceria, orientou-se o posicionamento dos corpos para a prática da dança a dois, clareando que, teoricamente eles estavam orientados quanto ao fato de haver um condutor e um conduzido. Entretanto, essa relação precisa de tempo para aprimorar-se, pois na medida em que o cavalheiro desenvolver a sua competência como condutor, inspirará confiabilidade na dama que, por sua vez, ao sentir-se segura, qualificará sua ação como dama conduzida, facilitando a parceria na dança de salão.

Wallon aponta a importância da movimentação corporal na constituição da aprendizagem, podemos considerar que a técnica surge com o propósito de tornar esse corpo livre e não de adestrá-lo. Por meio da técnica, nas aulas de dança de salão, o aluno aguça a noção de lateralidade, compreende melhor o seu corpo, passa a dominar seus movimentos, encontra seu eixo (equilíbrio), desenvolve a musicalidade e compreende o espaço que o seu corpo e o do outro ocupam.

A partir disso, o aluno começa a sentir-se livre para criar e se libertar das sequências que o levarão à maior consciência corporal, autorizando-se a experimentar e a dar personalidade a sua forma de dançar.

Numa perspectiva mais relacional, podemos mencionar as aprendizagens associadas à dança de salão como a troca, a parceria e a generosidade de um para com o outro, a tolerância, a paciência e a sinergia.

Dessa forma, para que a dança flua, é necessário sinergia. Para Lins (2005), o comum exemplo que sinergia pode ser exemplificada com o caso “ $2+2=5$ ”, ou seja, o todo sendo maior do que a soma das partes torna a sinergia um fenômeno sobrenatural. A sinergia está presente no nosso dia-a-dia, nas equipes de alto desempenho, sendo real e mensurável. Sinergia é somar multiplicando. Todas as energias de um grupo, equipe ou casal, unidas em direção a um mesmo objetivo, geram um todo maior do que a soma das partes.

A sinergia na dança de salão pode ser identificada em vários aspectos. O primeiro deles é o esforço visível dos casais em manter um fluxo no salão, o que é comum em qualquer lugar do mundo: todo baile movimenta-se num sentido anti-horário, ou seja, o caminho que passei não me pertence mais, para tanto os casais deslocam-se na movimentação a fim de permitir a passagem dos próximos casais.

O segundo momento, que se percebe a sinergia, é na busca por se manter no ritmo da música e no exercício da musicalidade, que consiste em sentir a música e procurar reproduzi-la por meio da movimentação da dança. Em geral, o casal que dança com musicalidade é visto tão harmonicamente que costuma atrair os olhares das pessoas em volta.

Mas de que forma todas essas questões podem contribuir para pensar as relações na empresa?

Uma empresa nasce quando um grupo de pessoas se reúne para atingir um determinado objetivo. Esse objetivo está relacionado ao desejo individual de cada um, que depende do desejo coletivo para ser realizado. Em geral, o desejo se resume em se desenvolver profissionalmente, sustentar-se e progredir.

Quanto mais uma empresa cresce, maior será a complexidade dos recursos necessários às suas operações. Para que os materiais financeiros e tecnológicos sejam utilizados com eficácia, é preciso investir nas pessoas. Esse será o diferencial competitivo, pois ao invés de investirem nos produtos e serviços, a empresa investe nas pessoas, que sabem criá-los, desenvolvê-los, produzi-los e melhorá-los.

As pessoas passam boa parte da vida trabalhando nas organizações. Assim, dependem delas para atingirem seus objetivos pessoais, individuais. Contudo, as organizações também dependem das pessoas que lhe dão vida, dinâmica, energia, inteligência. Portanto, essa é uma relação de dependência mútua na qual há benefícios recíprocos.

Muitos autores renomados como Chiavenato (2008), Almeida (2006) e Ribeiro (2006) corroboram que atualmente o capital humano é o grande diferencial competitivo das organizações. Uma empresa que não aprende, não se manterá no mercado globalizado em que vivemos. Dessa forma, o desenvolvimento e a capacitação das pessoas tornam-se cruciais para que a empresa possa lidar com a imensa quantidade de informações geradas diariamente.

No intuito de aprimorar os processos de aprendizagem na empresa, tendo em vista que esse processo dá-se na interação com o outro, utilizou-se a dança de salão como metáfora para pensar as relações na empresa, bem como a qualificação dessas.

Sendo assim, a cada orientação dada ao grupo em relação ao dançar a dois, apontou-se conceitos já embasados nos parágrafos anteriores como: confiança, confiabilidade, sinergia e parceria. Também, havia a consciência de que a cada encontro destes colegas de trabalho, por meio da prática de dança de salão, aspectos relacionados com a afinidade aprimoraram-se, possibilitando que as relações interpessoais e, até mesmo as intrapessoais, ocorressem e, talvez, se qualificassem.

Baseado nisso, percebeu-se que no terceiro encontro, o grupo já se mostrou mais entrosado. Os participantes trazem relato das conversas que ocorreram nos corredores da empresa durante a semana, sobre a dança de salão, na retomada dos passos trabalhados, nas expectativas para o próximo encontro. Colegas de trabalho que nem sempre se cumprimentavam, agora conversam sobre a dança de salão.

Também, e-mails foram enviados relatando a expectativa do grupo e o desejo de que a quarta-feira chegasse logo, dia da semana em que os encontros ocorriam.

No próximo encontro, a chegada no ambiente em que ocorreram as aulas aconteceu de forma animada. Os participantes já começaram a demonstrar que assumiram o local como próprio deles, na medida em que retiraram classes e abriram espaço para que a aula ocorresse. O revezamento dos pares proporcionou que todos dançassem com todos, estimulando o adaptar-se aos diferentes corpos, conduções e habilidades. Naturalmente, o grupo procurou revezar dançando com todos os colegas sem a necessidade da intervenção da professora.

Este tipo de relação é fundamental na empresa. Ao relacionar-se com os colegas de trabalho, necessariamente precisamos manter contato com todos, mesmo com aqueles que temos menor afinidade. Estabelecer parcerias e, uma comunicação clara, são atitudes necessárias para o desenvolvimento dos processos que são inerentes à empresa. Reconhecer e assumir um papel é o que possibilita a delegação clara das tarefas, otimiza o tempo, qualifica o trabalho, aumenta a produtividade. O trabalho em parceria certamente proporciona maior qualidade de vida ao trabalhador, uma vez que as relações tornam-se menos desgastantes e mais confiáveis.

Qualidade de vida boa ou excelente é aquela que permite ao indivíduo a manifestação de sua individualidade (necessidades, aspirações e criatividade) em suas ações de forma que possa obter prazer e autoconhecimento a partir do seu trabalho, lazer e relacionamentos. Em resumo, refere-se ao nível em que a realidade externa permite a manifestação interna do indivíduo. (GONÇALVES; VILARTA, 2004, p. 96).

Ainda no terceiro encontro, retomou-se as movimentações da aula anterior e se introduziu o giro do dois e dois. Também, apresentou-se o forró, onde houve um encantamento de parte do grupo, enquanto outra parte reclamou da dificuldade em soltar o quadril, mas num clima muito descontraído, todos tentaram imprimir leveza no movimento.

Para o Forró, existem duas versões de origem do nome. A primeira versão é de que vem de “for all”, que em inglês significa “para todos”, e indicava o livre acesso aos bailes promovidos pelos ingleses que construíam ferrovias em Pernambuco no século passado. A outra versão vem do termo africano “forrobodó”, que significa festa, bagunça. Por tratar-se de um ritmo que requer muita soltura e certa habilidade na movimentação do quadril, é comum aqui na região sul haver um pouco de resistência dos corpos que descendem dos imigrantes europeus, caracterizados por serem corpos com menor mobilidade.

Jaime Arôxa, professor de danças de salão que é referência no Brasil pela criação de uma metodologia de ensino, corrobora com a ideia, afirmando a diferença do dançar de alunos cariocas, que tendem a executar os movimentos com maior soltura do que os gaúchos que, pela forte descendência européia, tendem a dançar com rigidez.

O posicionamento dos corpos tem muito a ver com a cultura da cidade em que você vive. De acordo com a tua cidade eu vou saber do seu movimento, da sua generosidade corporal, da sua inibição, da sua relação com o outro. Por exemplo, na região sul a coisa é mais difícil. O corpo na dança de salão é mais fechado. Ele não é tão solto como é no nordeste, que é mais entregue. Então, queira ou não, o seu movimento é produto do seu meio. (ARÔXA, 2009).

De fato, a dança reproduz a história de um corpo, contudo, também é por meio dela que podemos criar, recriar e modificar esse movimento. Deste modo, procurei propiciar a experiência de dançar com maior soltura, ainda que alguns dissessem que naturalmente não ocorreria, por meio de exercícios de compreensão corporal e de soltura do quadril. Ao experimentam dançar a dois, depois de refletirem sobre o próprio movimento, quatro participantes o fizeram com muita tranquilidade. Outros ficaram preocupados em serem perfeitos na execução, o que

não os permitiu a busca pela melhora, a partir da prática. Pareceu haver um conformismo quanto à incapacidade em executar movimentos do forró.

Aproximei essa resistência às situações em que não conhecemos os processos, a técnica e que, naturalmente nos colocamos na posição de quem não tem competência para tanto. Experimentar, aliado à teoria é o que qualifica a prática. Permitir-se vivenciar novas situações é o que desenvolverá o autoconhecimento dos próprios limites e da capacidade de superação.

Algumas mulheres, com mais facilidade, demonstram-se ansiosas pela falta de condução de alguns cavalheiros que ainda estão muito atentos aos pés e pouco atentos à dama. As questões são retomadas no sentido de que é preciso prática e tempo para aprimorar esta comunicação corporal e inter-relacional.

No quarto encontro, ocorreu o primeiro Grupo Focal, no qual o objetivo era coletar dados sobre as percepções do grupo em relação ao objetivo da pesquisa e as vivências obtidas até o 4º encontro, por meio da técnica de grupo focal.

A ação empregada no intuito de atingir a esses objetivos foi o diálogo sobre as vivências até o momento em relação ao dançar a dois, dificuldades e facilidades encontradas. Para tanto, usou-se as seguintes questões que nortearam este diálogo: por que participar desse grupo? Que tipos de relações se constituem numa empresa?

5.1 CONVIVÊNCIA COM OS COLEGAS: A PERCEPÇÃO DA SUBJETIVIDADE POR TRÁS DO TRABALHADOR

As razões pelas quais o grupo apontou a adesão à pesquisa fortalecem as já apresentadas no primeiro encontro, mas é fato que por já terem vivenciado alguns encontros o motivo convivência com os colegas apareceu de forma unânime, diferentemente do que havia sido dito no primeiro encontro.

Tem pessoas que a gente se envolve mais, tem pessoas que a gente se envolve menos, a gente tá se envolvendo de uma forma inteira com mais pessoas aqui. A gente chega aqui às 7h42, se encontra no almoço, raras vezes se encontra no café ou alguma coisa assim e este tá sendo um momento pra gente se conhecer melhor.(L.).

Para P., não só houve a aproximação dos colegas de trabalho que participam da pesquisa, como dos demais que, por estarem curiosos em relação ao que se passa nos encontros, procuram-nos para questionar como está a prática da dança de salão. Outra questão importante apontada por ele foi a possibilidade de olhar para o colega para além do que ele representa naquele espaço, percebendo-o como um sujeito que tem uma vida pessoal, fora daquele local, que tem suas preferências, seus hábitos, que é muito além do que apenas um trabalhador desta empresa.

Essa coisificação do sujeito é comum no espaço de trabalho. É como se o trabalhador fosse parte do acervo empresarial, que ao final do turno de trabalho pudesse ser desligado como máquina.

Em um mundo essencialmente dominado pela racionalidade instrumental e por categorias econômicas rigidamente estabelecidas, os homens e as mulheres que povoam as organizações são considerados, na maioria das vezes, apenas recursos, isto é, como quantidades materiais cujo rendimento deve ser satisfatório do mesmo modo que as ferramentas, os equipamentos e a matéria-prima. Associados ao universo das coisas, as pessoas empregadas nas organizações transformam-se em objeto. (CHANLAT, 2007, p. 25).

Desse modo, ignoram-se todos os demais aspectos que envolvem a subjetividade daquele ser humano que não é parte da empresa e sim, está durante um período da sua vida nela. Parte da pessoa é trabalhador. Subjetividade para Davel e Vergara (2008) é o que é fundamental para o ser humano e que permanece subjacente, determinando a interioridade e a singularidade da pessoa, a espontaneidade do eu. É o que constitui a individualidade humana.

Já para Rey (2005), a subjetividade não é só um fenômeno individual, mas um sistema complexo, fruto da interação do individual com o social:

Subjetividade é um sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social e individual, independentemente de que em ambos os momentos de sua produção reconhecamos sua gênese histórico-social, isto é, não associada somente às experiências atuais de um sujeito ou instância social, mas à forma em que uma experiência atual adquire sentido e significação dentro da constituição subjetiva da história do agente de significação, que pode ser tanto social como individual. (REY, 2005, p. 202).

No contexto organizacional, Davel e Vergara (2008) afirmam que a experiência da subjetividade ocorre por meio das relações imediatas estabelecidas entre as pessoas. Portanto, os *“motivos, os processos decisórios, os valores e objetivos de cada pessoa devem ser observados como um conjunto de ideias*

posicionais, relacionais, subjetivas e temporárias” (DAVEL e VERGARA, 2008, p. 44)

Durante a aplicação da técnica do Grupo Focal, foi possível perceber, nas falas, o quanto estava sendo prazeroso ser visto e poder ver como alguém que é muito mais do que um trabalhador que cumpre seu horário naquela empresa. O grupo apontou a importância de falar sobre suas questões pessoais, de mostrar-se de forma mais inteira. Certamente, este é um dos caminhos rumo à humanização das relações no espaço da empresa: reconhecer o colega como um ser humano, suas subjetividades e ser reconhecido como tal.

Às vezes tu conversa com o colega só sobre serviço e agora tu fala coisas: “lá em casa to aprendendo, to dançando, to saindo na rua, não to conseguindo fazer tal passo”. Ta conhecendo o colega um pouco mais além do que ele é na empresa. (P.).

Como já dito anteriormente, a convivência com os colegas e as diferentes relações estabelecidas após os encontros, foram os aspectos mais apontados. Para reforçar as análises anteriores, trago algumas falas que julgo importantes para ilustrar as afirmativas:

Pra mim, também tá sendo muito bom o curso. Consigo falar com as pessoas no corredor uma coisa que não é de serviço. É tão bom! Hoje, na empresa, a gente só fala sobre serviço. Então um só passa o pepino pro outro. Então está muito boa a motivação, muito legal, eu estou gostando muito das aulas. (S.)

Então, tá acontecendo uma interação muito bacana, porque até pra marcar pra treinar em horário de almoço já tá surgindo. A salinha aqui já vai ser reservada pra treinamentos em horário de almoço. Então imagina que chic que tá o negócio. Pra mim é maravilhoso. To amando, to apaixonada mesmo e fora essa interação com as pessoas. Que nem a gente às vezes só fala de trabalho e agora a gente tá com outro bate papo nos corredores. (I.).

Para Chanlat (2007), é comum nos tempos atuais o trabalhador buscar a realização pessoal fora do trabalho tradicional, reflexo de uma sociedade que levou o individualismo às últimas conseqüências, na qual não se preocupou em manter uma relação com o trabalho como meio de vida e sim de objetivá-lo como forma de acumular riquezas. Essa fragmentação do sujeito é contra a natureza humana. “*Ele é uno enquanto espécie. Ele o é igualmente enquanto indivíduo*”.(CHANLAT, 2007, p. 27)

5.2 A DANÇA DE SALÃO DESTITUINDO O SEDENTARISMO

É sabido que a prática regular de exercícios físicos apresenta benefícios tanto do ponto de vista físico, quanto psíquico. A prática de uma atividade física regular traz qualidade de vida ao praticante por meio da melhora da resistência física, do controle de peso, da autoestima, causada pela liberação de endorfina, dentre outros aspectos.

Para Dantas (2005), *“o corpo humano precisa de certa quantidade diária de movimento para sentir-se bem”* (p.21). Sedentarismo é a falta, ausência ou diminuição desses movimentos, caracterizados pelas atividades físicas ou desportivas. Na atualidade, com o maior número de aparatos tecnológicos que, ao mesmo tempo em que nos proporcionam conforto, tornam as pessoas cada vez mais sedentárias, é crescente as hipocinesias.

Hipocinesia é uma palavra composta pelo prefixo “hipo”, indicativo de pouco, insuficiente, acrescido do radical “cine”, significando movimento, e do sufixo “ia”, no caso relativo à doença: ou seja, refere-se aos males causados pela falta ou insuficiência de movimento. (DANTAS, 2005, p.21).

Sendo assim, a prática de atividade física é vital para o ser humano, tanto na prevenção de doenças, quanto na promoção da qualidade de vida.

Para uma das participantes, um dos motivos que a fizeram optar em participar do grupo foi o desejo de abandonar o sedentarismo. Apresentando sobrepeso e visível falta de preparo físico, precisou, em muitos encontros, fazer pausas entre os exercícios, em que apresentou falta de ar e significativo cansaço. A seguir, trecho de sua fala em que é possível observar o desejo de superação e de mudança por meio da dança de salão:

Resolvi participar deste grupo porque minha vida é muito sedentária. Sempre gostei de dança, mas eu nunca fiz nada. E tá sendo muito bom! Tô aprendendo muita coisa, apesar de não estar conseguindo acompanhar tudo como eu gostaria de acompanhar, mas tá muito bom, to gostando muito. Em relação ao acompanhar são aquelas coisas das voltinhas, vai, vira e mexe, vai pra frente, vai pra trás... tem vezes que vai, tem vezes que não vai. Tenho mais dificuldade, mas eu não vou desistir. (I.).

Após o quinto encontro, recebi um e-mail da referida participante da pesquisa no qual registrou estar grata pelas mudanças que a dança vinha provocando na sua vida pessoal. Disse estar mais vaidosa, mais atenta a si mesma, pois na dança sentiu-se olhada e admirada, o que lhe encorajou a uma mudança de

hábitos. Matriculou-se na hidroginástica e resolver mudar seu estilo de vida, antes sedentário.

Pequenas mudanças nos hábitos de vida são provocadoras de melhoras significativas na qualidade de vida e de saúde.

Para Gonçalves e Vilarta (2004), qualidade de vida é um termo complexo e abrangente, pois é relativo a cada sujeito. Os autores apontam elementos comumente relacionados ao termo como: *“aspectos culturais, históricos e de classes sociais; conjunto de condições materiais e não-materiais; diferenças por faixas etárias; condições de saúde das pessoas ou de uma comunidade”*. (GONÇALVES e VILARTA, 2004, p. 28)

Para a participante acima citada, a dança como promotora da melhora de qualidade de vida é assim definida pela perda de peso, melhora no condicionamento físico e pela integração com demais trabalhadores da empresa. A atividade física pode também exercer efeitos no convívio social do indivíduo, tanto no ambiente de trabalho, quanto no familiar. Nos últimos encontros do grupo, ela já conseguia realizar todos os exercícios e dançar durante uma hora e meia, sem a necessidade de pausas.

Para Carlinhos de Jesus (2009), a dança de salão precisa ser cada vez mais difundida pelos benefícios físicos inerentes a prática como em qualquer atividade física e, também, a dança de salão apresenta o benefício das relações sociais. Não se dança a dança de salão sozinho. Para ele, *“a dança é o remédio do século! Quem dança é mais feliz! Quem dança, psicologicamente e fisicamente vai ter benefícios que antes você não poderia imaginar”!* (JESUS, 2009)

5.3 RELAÇÕES QUE SE CONSTITUEM NA EMPRESA

Ao questionar os tipos de relação que se constituem na empresa, objetivou-se levar o grupo a refletir sobre as relações que ocorrem na empresa, tanto quanto as que podem vir a acontecer. Ao realizar a pergunta, deixou-se claro que as respostas não precisariam ser relacionadas com a empresa na qual o grupo

trabalha, mas que refletissem sobre as relações que ocorrem nas empresas em geral.

O grupo dividiu as opiniões em dois grandes grupos, sendo que a maioria apontou que o tipo de relação mais comum na empresa é a relação estritamente profissional, o que não foi apresentado de uma forma positiva, e sim no sentido de não haver espaço para que fosse diferente. Outro grupo, que contou com três participantes, apontou que há todos os tipos de relações, desde grandes amizades, até relações amorosas.

Consideradas como relações positivas pelo grupo, os participantes apontaram diversos tipos de relações que se estabelecem na empresa, como as relações de amizade e as relações amorosas. Um dos participantes revelou ser casado com uma colega de trabalho, que conheceu na empresa.

Outra participante (N), acredita que haja muita afinidade entre os colegas de trabalho, sobretudo naqueles que estão há mais tempo na empresa. Contudo, ela aponta suas características pessoais como ser espontânea, ser brincalhona e gostar de conversar, como fator motivador de relações mais estreitadas. Para (D.) o fator de quantidade de tempo que se fica dentro do espaço de trabalho possibilita, ou provoca, que as relações aproximem-se.

“Até porque tu tem mais tempo de construir uma amizade aqui dentro, porque tu fica mais tempo aqui dentro do que na rua”. (D.).

“Quando é muito tempo de trabalho assim, tu acaba achando alguém que tem afinidade contigo, que tu conte as tuas coisas. Quantas coisas aconteceram nesses 10 anos, de alegria, de tristeza, dentro do teu ambiente de trabalho, de pessoas que saíram, de perder pai e mãe, comigo aconteceu, que faleceram, que foram no enterro do meu pai, por exemplo, sabe? Então são coisas que marcam... alegrias, tristezas, casamentos, separação, filho nascendo, colegas que perderam filhos. É tudo uma situação que tu acaba te apegando em algumas pessoas”. (N.).

Para um terceiro participante, o fato de tratar-se de uma empresa familiar a torna diferente das demais, bem como as relações que nela se estabelecem, tendo em vista relações mais próximas e mais pessoais fazem parte de sua cultura da empresa, segundo ele.

Diferentemente do que o grupo relatou, citado anteriormente, há um grupo que acredita que há apenas relações profissionais dentro da empresa. Para D. “os setores acabam sendo empresas menores dentro da grande empresa que é a família G.S.”, o que resulta numa disputa interna, setor contra setor.

Para outra participante, essa disputa faz com que as brigas sejam levadas para o lado pessoal e o que antes era profissional, passa ser uma disputa em que envolve honra e defesa do próprio território.

Para outro participante, há uma divisão entre funcionários que trabalham nas funções administrativas e os que trabalham na produção. Os demais discursos fortaleceram essa fala, reafirmando a divisão interna entre os grupos. Nessa disputa de um poder imaginário, as relações permanecem no âmbito profissional, sendo que os funcionários acabam, na sua maioria, não se permitindo aproximar-se de colegas que não integram o mesmo setor.

Por fim, o grupo aponta como grande dificuldade em realizar outros tipos de relações dentro da empresa, a falta de tempo.

É pegar, bater o cartão, trabalhar, ir falar com o colega sobre uma coisa, voltar pra tua mesa, trabalhar. Claro que a gente consegue ter mais afetividade com algumas pessoas e menos com outras, né? Mas eu acho que é mais profissional. Eu diria 90% das relações. (L).

No primeiro encontro após o grupo focal, os alunos chegaram à aula, bastante animados, querendo retomar os monossílabos que orientam a execução do passo básico de Samba de Gafieira, introduzido ao término do grupo focal na semana anterior.

Samba vem de Semba, do idioma africano que significa umbigada e é derivada do Maxixe. O Samba de Gafieira teve início na década de 20, nos salões cariocas. Esses espaços eram conhecidos como gafieiras, que vem de gafe (muitos frequentadores dançavam de qualquer jeito, cometendo, segundo os mais tarimbados, uma série de gafes).

Retomou-se o passo básico de samba, orientando e reforçando a característica do passo do cavalheiro de sempre iniciar a dança com o pé esquerdo e a dama sempre com o pé direito.

Diferentemente do bolero, no samba o cavalheiro deve começar recuando a passada e a dama, avançando. Quando o passo foi lembrado, ensinou-se a caminhada simples do samba, em que se ignora o contratempo e desloca-se em tempo. Esse movimento facilita o deslocar pelo salão. Desse modo, apresentou-se a importância do fluxo do baile, sempre no sentido anti-horário, por questão da simbologia de movimentar-se contra o tempo para atrasar a hora, aumentando o

momento de lazer em grupo. Nesse momento, o grupo fez referência às rodas de chimarrão e se mostrou surpreso com a explicação que julgou interessante.

O fato de o passo não estar automatizado, fez com que os participantes dançassem olhando para o próprio pé, o que provocou a desatenção nos demais casais, no fluxo do baile e, consecutivamente, causou atropelamentos no salão. Isso gerou risos e descontração no grupo.

Nesse momento, relacionou-se a importância do olhar para o todo e o quanto o olhar apenas para si dificulta a relação com o todo e com o próprio par. De que modo a dama poderá se permitir ser conduzida se o cavalheiro que se propõe a levá-la pelo salão mantém o olhar apenas em si mesmo? De que modo o cavalheiro conseguirá levar a dama que não está disposta a essa condução uma vez que mantém o olhar apenas para si? Como um grupo pode relacionar-se num todo, respeitando os espaços e as subjetividades se a atenção está no aspecto individual?

Não que para dançar não seja fundamental a atenção ao próprio movimento, contudo, na dança de salão, a atenção no outro e no todo é o que garantirá o sucesso da execução da dança e a possibilidade de compartilhar um espaço socialmente, de forma a garantir o próprio espaço e respeitar o espaço alheio.

Alguns cavalheiros, após adquirirem maior confiança no deslocamento, começaram a arriscar novas possibilidades de ganhar espaço no salão. Retomou-se também o forró, introduzindo os giros, o que normalmente estimula os alunos e não foi diferente com o grupo. Foi difícil concluir a aula, tendo em vista que o grupo queria continuar exercitando os passos. Foi uma aula que, apesar de exigir maior preparo físico dos participantes, o grupo saiu realizado.

Desse modo, o desafio apresentou-se como estímulo. Era visível o quanto a aula havia exigido mais do desempenho do grupo, contudo quanto mais era oferecido, mais o grupo desejava. O forró, antes carregado de medos e mitos, por causa da necessidade de movimentação do quadril, nesta aula tornou-se a nova paixão do grupo. Um desejo motivador que se estendeu durante a semana, nos corredores da empresa, no almoço, nos intervalos, em encontros que os participantes retomavam a movimentação da aula anterior.

Inclusive, circulou um e-mail em que os participantes descreviam frases do tipo: “*Não vejo a hora de chegar quarta-feira. Tô louco pra dançar*” (J.). Frases com

este teor eram trocadas entre eles, com cópia para mim. Dentro do possível, enviava algum comentário, ou material sobre a dança, como dicas de passos e bons hábitos no salão.

No próximo encontro, sexto encontro, retomou-se os giros do Forró. Alguns alunos que haviam faltado na aula anterior exigiram uma atenção maior, tendo em vista a fluidez dos demais casais, o que também funcionou como um fator motivador para aqueles que ainda não haviam dançado os giros do forró.

Ao se observarem e perceberem o quanto aqueles que haviam comparecido à aula anterior estavam tecnicamente melhores, o grupo apontou o quanto era possível perceber a evolução técnica que desenvolveram e o quanto faltar uma aula pode apresentar maior atraso no andamento em relação ao grupo. Trabalhou-se variações de giro no Forró, como: giro simples, passa ela, passa ele, passa ela, giro com pegada por baixo, chuveirinho. Lembra-se o grupo que o passo (os pés) ocorre sempre da mesma forma, numa variação do balanceio, como preparação de giro. O que muda de um giro para o outro é a movimentação e a condução pelos braços.

O forró é um ritmo estimulante, pois os dançarinos, mesmo com pouco argumento ainda na dança, julgam-se dançando muito bem. Contudo, a velocidade da música maior, funciona como estímulo para as mulheres que apresentam dificuldade em deixar-se conduzir. Desse modo, algumas alunas como a I., acabaram conduzindo mais o cavalheiro do que o de costume, o que não foi motivo de briga, mas gerou muitas negociações entre os casais.

Na última parte da aula, retomou-se o samba e introduziu-se o gancho simples. A aula terminou deixando dúvidas em relação aos passos no grupo, que demonstrou desejar continuar a aula por mais tempo. Combinei de retomar as movimentações na aula seguinte.

No sétimo encontro, alunos chegam ansiosos para dançar samba de gafieira. Novamente o passo básico de samba de gafieira (tic,tic,tum) precisa ser retomado, assim como novamente observa-se que o grupo assumiu o espaço da sala como seu, pois inicialmente os alunos aguardavam fora da sala e agora, procuram chegar mais cedo para ir treinando. Retomou-se o gancho do samba e permitiu-se o revezamento entre os pares para treino e assimilação do passo.

Quando o grupo estava fluído, introduziu-se o cruzado do samba de gafieira. Uma dama apresentou maior dificuldade na parceria para execução do passo, pois não se deixava conduzir com frequência. É de sua personalidade resolver as situações cotidianas, sozinha, além de ter cargo de chefia na empresa, o que lhe exige no dia a dia posicionamento e atitude de liderança. Deixar alguém conduzi-la, permitir que o cavalheiro assuma um papel que normalmente é seu, tornava-se um exercício de paciência e tolerância. Foi possível perceber no rosto da participante concentração durante a prática da dança.

Os casais ainda dançavam olhando muito para os pés, em função do aumento de vocabulário, dos passos novos. Nesta aula, comecei a exigir maior firmeza na condução dos cavalheiros, uma vez que o passo começava a ser executado de forma mais segura. Conduzi cavalheiro por cavalheiro na execução do movimento para que sentissem o quanto de intensidade e firmeza deviam empregar na condução. Os homens se divertiram fazendo o papel de dama. Aparentemente não houve constrangimento e sim um colocar-se no lugar do outro, quando os homens diziam: *“que estranho fazer o papel de dama. Não é fácil”*. Essas trocas são interessantes porque possibilitam o colocar-se no lugar do outro e o reconhecimento de que toda função apresenta dificuldades. Se não é fácil conduzir, tão pouco será deixar-se conduzir.

Na segunda sessão de Grupo Focal, objetivou-se apreciar a dança de salão e sentir o estado de êxtase que ela provoca. A arte como expressão dos sentimentos. Para tanto, realizou-se uma surpresa ao grupo: um dançarino de danças de salão participou do encontro para que o grupo percebesse a dança como manifestação artística, entrega à música, expressão corporal e vislumbrasse as possibilidades da dança de salão como uma técnica em busca do desenvolvimento do corpo dançante.

A dança é uma das expressões artísticas, espirituais e religiosas mais antigas da humanidade. Para Ossoona (1988), a dança, assim como as demais artes, nasce da necessidade interior do ser humano, muito mais próxima ao campo espiritual do que ao físico. Se pensarmos em impulsos primitivos, no aspecto físico, homem não dançaria no intuito de preservar suas energias para o caso de necessitá-las numa situação de emergência.

O sentimento que nos leva a dançar está intimamente ligado às necessidades primitivas, como amparo, abrigo, alimento, defesa, conquista, procriação, saúde e comunicação. A dança possibilita a expressão e a externalização dos nossos sentimentos mais profundos. Para Dantas (1999), quem dança não produz movimentos aparentemente úteis ou com função prática, quem dança, o faz porque os movimentos possuem sentido e significado em si mesmos. Corrobora Ossoona (1988, p.29), para quem “a necessidade de comunicação é inata ao homem”. Para ele, as primeiras tentativas de comunicação dos humanos sempre dá-se por meio da movimentação, de gestos.

Ainda que a comunicação seja aprimorada e se dominem línguas, no caso de alguma impossibilidade de comunicação pela palavra, recorre-se à comunicação gestual. Além de utilizarmos o gesto como comunicação em momentos de afonia, também nos apropriamos dele em casos nos quais a distância seja superior ao alcance da voz ou quando não entendemos o idioma de outra pessoa, dentre outras situações. A dança se caracteriza como a comunicação da alma.

Para Gonzaga (1996, p.10), o ser humano nasceu com habilidades para se comunicar e, portanto, sente essa necessidade. A comunicação vai muito além das palavras, sendo assim, gesticular também é comunicar-se. Para o autor, a dança funciona como possibilidade de expressão, fazendo com que pessoas, que apresentam receio em desabafar, procurem as casas de danças de salão, já que dançando, podem expressar tristeza, alegria e podem se sentir livres. O corpo tem ligação direta com o espírito. Dessa forma, o sujeito que dança pode manifestar no corpo o sentimento da alma.

Segundo Dantas (1999), diferentemente de obras de arte que se perpetuam pelos anos tais quais foram criadas, a dança representa um estado, um momento, um contexto. A mesma coreografia pode ser executada em épocas diferentes, com movimentos tais quais os pensados inicialmente, contudo, nunca uma dança será exatamente igual à outra, pois a dança externaliza os sentimentos do executor, o que personaliza a dança e a torna uma expressão única, uma vez que os movimentos são recriados e revividos.

Ainda para Dantas, a forma como a pessoa que dança regula a utilização de energia, contrai e relaxa os movimentos, experimenta a música e suas variações,

modifica o espaço, brinca com ritmo, reinventa o tempo, faz com que esse movimento caracterize-se como dança e ganhe plasticidade. Ao dançar, homens e mulheres tornam-se personagens na reprodução de ações e de todo o universo do cotidiano.

Porém, transformar movimentos em gestos virtuais não acontece por acaso. É preciso utilizar técnicas que possibilitem “criar a ilusão de conquista da gravidade, a sensação de leveza e/ou a idéia de domínio de espaço e tempo pelo corpo do dançarino” (DANTAS, 1999, p.20). As técnicas de dança tem por objetivo tornar o corpo mais dançante.

Referindo-se a corpo dançante, Dantas (1999) afirma que não há corpo “virgem”, no sentido de que não tenha experiências anteriores que formam este corpo. Para ela, todo corpo é fruto de uma história, de experiências vividas e do meio social do qual faz parte, que se traduzem nos próprios movimentos desses corpos.

Para Gonçalves e Vilarta (2004), reconhecer a percepção para além do processo fisiológico transforma nosso pensamento dando-lhe um sentido de “*corpo existencial, vivo, mutável e altamente dinâmico, limitado e inatingível aos nossos processos cognitivos*” (p.86). Sendo assim, o nosso corpo está ligado ao mundo externo, pois se constitui como uma parte dele.

Corpo e movimento conectam-se intimamente num processo perceptivo e contínuo. Cada percepção modifica o nosso corpo. Cada movimento nos traz uma nova percepção, transformando nosso corpo e colocando-nos em uma perspectiva diferente de ver o mundo. O movimento de transformação do nosso corpo se reflete em novas ações no mundo. (GONÇALVES; VILARTA, 2004, p. 86).

Para a introdução do grupo focal, foi realizada uma apresentação de tango e salsa por mim e pelo professor de danças de salão, Mauro Schneider. Como de costume, o grupo chegou mais cedo e começou a retomar os passos da aula anterior.

Colocou-se a música, e sem avisos anteriores, entramos dançando. O intuito dessa apresentação era provocar o sentimento de êxtase nos participantes. Para Langer e Sachs (*apud* DANTAS, 1999), o estado de êxtase o qual se referem na dança, está relacionado à manifestação de danças rituais, ligadas a cultos e celebrações. “Nesse sentido, a busca por um estado de êxtase tem por propósito a

identificação com as forças da natureza, a comunicação com os deuses e a obtenção de poderes sobre-humanos”. (DANTAS, 1999, p.20).

Para a autora, ainda hoje a dança é extática, porém, ao invés de levar o dançarino do profano ao sagrado, o conduz da realidade para o romance. Dessa forma, tendo em vista que a experiência extática toma conta do indivíduo que dança, perturbando-lhe o espírito, a hierarquia corpo-espírito foi transgredida e passa a iniciar-se uma nova relação, em que corpo e espírito se unificam. A dança tem esta singularidade: transformar o sujeito que dela participa, levando-o a vivenciar sensações de encantamento, gozo e entusiasmo.

Dantas (1999) comenta que, apesar dessas características nos parecerem conduzir a dança a um ato religioso, de fato o sujeito que dança busca o prazer a partir da execução de movimentos sem sentido, executados meramente para a experimentação. Assim, há a criação de um mundo virtual de espaço e tempo diferentes. Essa sensação deve ocorrer não só para o executor da dança, mas, também, para a platéia que o assiste.

O dançarino amplia esse mundo virtual à platéia e, a partir de seus movimentos, rompe o senso de realidade, fazendo com que o ritmo, o movimento, o tempo e o espaço provoquem no espectador sensações, emoções e a reelaboração de sentimentos.

Foi visível o encantamento no rosto dos participantes, assim como o desejo de estar naquele lugar, de dançarino, relatado e confirmado posteriormente nas falas. Quando a apresentação terminou, um participante disse: “*eu quero aprender isso aí*” (S.). Outros participantes apresentaram as seguintes falas: “*lindo*”, “*perfeito!*” (I. e D.)

Antes de introduzir as questões norteadoras para a realização do grupo focal, questionei a ausência de três colegas. O grupo apontou que uma das participantes engravidou e recebeu orientação médica para não realizar nenhuma atividade física em função do risco de aborto, uma vez que havia descolamento da placenta. Outro participante disse não ter mais interesse na participação da pesquisa, por ter percebido que não gosta de dançar. Contudo, os colegas começaram a rir e justificaram que, tratando-se de haver um relacionamento com

uma das participantes da pesquisa, a troca de pares estava causando certo desconforto nele e esse teria sido o real motivo da desistência.

Foi interessante pensar sobre a situação, tendo em vista que um dos meus questionamentos em relação à prática da dança de salão entre colegas de trabalho havia sido o possível constrangimento em precisar abraçar um colega para a execução da dança. De fato, isso não foi problema algum ao grupo que, com muito respeito, soube conduzir o dançar a dois. Contudo, é interessante como a relação amorosa pode trazer desconforto e insegurança, situações constantes em grupos que realizam aula de dança de salão com casais. É comum o homem ou a mulher proibir a troca de parceiro durante as aulas por situações de ciúmes. Entretanto, trocar de par é bastante positivo na aprendizagem da dança como forma de refletir sobre os vícios e hábitos que se costuma manter com o parceiro fixo.

Um terceiro caso ainda de abandono da pesquisa, foi da participante N. que, por apresentar problemas na coluna, recebeu orientação médica para não praticar atividades físicas e encontrava-se afastada da empresa.

Retomei com o grupo a dinâmica do grupo focal, das trocas espontâneas entre eles e da minha função como mediadora. Fazendo alusão à atividade de abertura desta sessão, expliquei a diferença entre coreografia e a dança improvisada, que requer maior conhecimento e técnica, bem como a diferença entre danças acrobáticas e a dança de salão, que requer movimentações menos aéreas, a fim de evitar acidentes com os demais casais na pista de dança.

5.4 SENSACIONES PROVOCADAS PELA DANÇA

A partir da primeira questão norteadora (o que esta vivência lhe provocou?), pode-se perceber o quanto o corpo é sedento de alma. Somos seres indissociáveis dos nossos sentimentos. Razão e emoção andam lado a lado e são refletidas constantemente nas nossas ações. Segundo Dr. Cléber Silva (2011), relato oral na disciplina de Processos Neurológicos e Aprendizagem na Universidade FEEVALE, *“nenhuma ação humana é dissociada de uma reflexão, a qual mistura a razão e a emoção constantemente”*.

Desse modo, o trabalhador na empresa não é apenas um sujeito racionalmente executando uma função a fim de garantir seu sustento, ou pelo menos não deveria ser assim. *“Quando nosso relacionamento com o trabalho está cheio de energia, vitalidade, criatividade e entusiasmo, o trabalho torna-se uma parte integrante da vida, e ser de forma integral é uma importante parte de nova maneira de ser”*. (GILLEY, 1999, p. 16)

5.4.1 O estado de êxtase

Quanto ao sentimento de êxtase, foi possível comprová-lo nas seguintes falas, que sugerem um desejo claro dos participantes de estar no lugar dos bailarinos, de acreditar que seja possível executar a dança tal qual:

“E que dá uma satisfação enorme de assistir. É assim, como eu disse, enche os olhos, nos dá uma sensação muito boa. Eu, como gosto muito, então dá uma sensação muito boa. E espero um dia conseguir dançar um porquinho mais” (I.).

“O que eu senti foi vontade de fazer igual. Simples assim! Simples! Mas não pensei que nem o L. falou de chegar até lá e fazer tudo. Na hora em que eu vi vocês dançando deu vontade de..., parecia assim que dava pra fazer igual. Eu tava quase pegando alguém pra dançar.” (D).

Para L. “provocou que a gente sempre tem que buscar melhorar. A gente está engatinhando na dança e vocês tem uma larga experiência. Claro que a gente, com ensaio e com persistência, vai se igualar ou quase chegar onde vocês dançam, porque vocês são profissionais na dança. Mas a gente se espelha pra dançar assim, fazer uma apresentação bonita que nem vocês fizeram”.

Sendo assim, o estado de êxtase nos faz refletir que a arte de um modo geral e a dança, especificamente nessa situação, são capazes de desacomodar, de motivar, de inspirar. Podemos considerar que a dança mostrou-se mola propulsora de mudanças internas na medida em que o desejo de estar ali e de fazer melhor, provocaram além da reflexão, a movimentação em busca do aprimoramento.

Desse modo, a dança apresenta-se como um excelente veículo de inspiração, de sensibilização e de autoconfiança, tendo em vista que o desejo de fazer muitas acabou sendo colocado acima da crença da incapacidade, verbalizada num primeiro momento.

5.4.2 A dança como motivação da própria dança e das relações de trabalho

Nas falas que se seguiram a partir do questionamento sobre o que a vivência (assistir um casal dançando) havia lhes provocado, ficou evidente o fator motivação, seja para continuar buscando a técnica no intuito de aprimorar a própria dança, seja nas relações com os colegas de trabalho, uma vez que juntos construíram novos objetivos a serem conquistados.

No intuito de conceitualizar motivação, segundo Chiavenato (1999), motivação é tudo aquilo que impulsiona a pessoa a agir de determinada forma ou o que origina uma propensão que o levará a um comportamento específico. Esse impulso à ação pode ser provocado por estímulo interno ou externo. Nesse sentido, o estímulo externo refere-se ao ambiente e o interno aos processos mentais do sujeito.

Para Jesus (2000), os processos cognitivos motivacionais são processos de avaliação e previsão da capacidade do sujeito em executar uma tarefa, assim como do desejo posto na realização dela. Desse modo, para o autor, o comportamento motivado depende da confiança na própria capacidade. Nessa perspectiva, pode-se pensar que a motivação para a participação na pesquisa deu-se pela autoconfiança dos integrantes do grupo em relação ao aprender a dançar. Na medida em que se confirmava essa aprendizagem, surgiu a motivação pelo aprender mais, o que os manteve participantes da pesquisa.

Dentro de uma organização, o comportamento das pessoas é complexo, pois depende de questões internas como as características da personalidade, a capacidade de aprender, a motivação, os valores, das emoções e das questões externas, características do ambiente profissional como o sistema de recompensas, de punições, de políticas e das relações com o grupo.

Segundo CHIAVENATO (1999), a motivação, como um dos fatores internos que influenciam o comportamento humano, é considerada a principal influência na ação do sujeito para o autor, tendo em vista que atua sobre as necessidades dos indivíduos, para atingir os objetivos, tanto pessoais como organizacionais.

Nesse sentido, a dança de salão serve como metáfora para pensar as relações na empresa, bem como a qualificação dessas, pois há um aprimoramento

dos processos de aprendizagem na empresa, tendo em vista que esse processo dá-se na interação com o outro.

Ao questionar o grupo sobre o que a vivência provocou, não havia a previa intenção da reflexão sobre a relação com os colegas do grupo, e sim, consigo mesmo. No entanto, as falas apontaram um pensamento para além do momento vivido. O grupo já pensava como grupo e em tudo o que a dança de salão havia proporcionado até o presente momento, reforçando a ideia de que razão e emoção permeiam constantemente nossas ações e reflexões.

A motivação foi o termo que mais apareceu nas falas, sendo que os participantes não se referiram ao sentir-se motivado apenas para seguir nas aprendizagens da dança, como nesta fala: *“o que me provocou hoje de te ver dançando foi continuar com a grande vontade de aprender a dançar e, quem sabe, de fazer algo parecido” (I.)*, mas também o quanto essa motivação estava implicada nas relações de trabalho:

“O que mudou é que a vontade de querer aprender que cresceu muito. Quando tu começa: “ah, eu consigo aprender”. A motivação aumenta. Também, externo, fora da sala, aumentou o contato entre nós. Não só o L. fica mandando clientes que não pagam, mas há uma troca de ideia no corredor que não é nada sobre serviço. Acaba melhorando. Isso eu acho, com as aulas, acaba melhorando a convivência entre nós por causa da dança. E isso cresce mais a vontade de aprender e de concluir”. (S.).

Dois dos participantes apontam que a dança foi capaz de transformar colegas de trabalho em amigos. Relatou que há uma ansiedade pela quarta-feira, pois tem dança, um momento especial de descontrair com os colegas de trabalho, para além da rotina maçante de trabalho, estudo, obrigações. Há uma motivação em ir trabalhar, em estar com o outro, em estreitar relações, podendo ouvir e ser ouvido em relação a assuntos que não sejam apenas sobre questões profissionais:

“E a dança traz essa coisa de transformar os nossos colegas em mais amigo. Aquela coisa de tu poder chegar e conversar e tal. Porque eu não tinha contato assim, com todo mundo daqui. Conversava com o D. do tempo em que a gente trabalhou perto, o S. que trabalha no nosso setor praticamente, e a gente vai pegando o contato a dança proporciona isso, esse estreitamento de relações. Eu achei isso bem interessante. É uma coisa que é mais evidente de mudanças” (J.).

“A dança pra mim, fora a alegria de dançar, acordar toda a quarta-feira com outro clima: “hoje tem dança””. (D.).

5.5 RELAÇÃO DA DANÇA COM A VIDA

Muitos dos participantes já tiveram alguma vivência com a arte de dançar, anterior à pesquisa. Para alguns, a dança não só é importante como necessária para a realização pessoal.

“Se alguém disser não dança mais, termina a l. Ela faz parte do meu eu, do meu ser. Então, se eu não dançar uma ou duas vezes por mês, até a minha produtividade, como profissional, cai. Ela me motiva, eu preciso dançar, nem que seja num quadrado, danço sozinha, ou sei lá eu com quem, danço em casa. Gosto de ser vista dançando”. (I.).

Dentre os relatos, é possível identificar que a dança é vista como um momento de encontro consigo mesmo, de deixar fluir, de desligar-se de todas as exigências e rotinas que englobam o dia-a-dia de um trabalhador, como nesta fala: *“a dança me tira um pouco da real, me faz viajar”*.

“Eu concordo com isso aí, porque é um momento em que tu te libertas. Não é que sai de si, mas a gente esquece todos os problemas do dia-a-dia, o que passou e vive aquele momento, ri, conversa, fala alto, ri alto. É um momento assim... de confraternização da vida”. (L.).

Para outros participantes, a dança de salão está relacionada com as suas vidas como forma de superação, tanto na segurança adquirida no dançar que possibilitou o ficar mais a vontade diante da prática da dança, quanto na assimilação gradativa de novos passos, novos ritmos. O estar mais seguro na dança qualificou, segundo um dos participantes, a sua relação com seus familiares e com a própria esposa.

“E com certeza assim, com as aulas, a vida fora acaba melhorando. Esquece os problemas, te dá aquele êxtase, alegria, naquele momento. E fora daqui a dança traz essa parte boa, muito boa, que é a vivência com os teus familiares numa dança, numa festa, esquecendo dos teus problemas da vida”. (S.).

Para outros dois participantes, a relação com suas irmãs menores melhorou, pois quando chegam em casa após a aula, costumam pegá-las para dançar, a fim de não esquecerem do passo aprendido. Além disso, eles tem saído para dançar dança de salão com elas. Segue o relato:

“Mas o que eu acho engraçado é que nos lugares que eu vou, levo minha irmã junto, ou pra acompanhar ela. Acho engraçado que antes eu sabia bem menos dançar e eu ia puxar ela pra dançar e ela se negava, dizendo que eu pisava no pé dela. Agora flui bem melhor. Até na relação entre irmãos a dança influencia” (P).

Isso é verdade! Esses dias eu cheguei da aula e eu tinha um passo que não queria esquecer e eu disse: “Jú, vem cá”. Jú é minha irmã. “Jú, vem cá que eu quero te ensinar um passo pra eu não esquecer. (J.).

Uma linda relação feita pelo participante J., foi a comparação da vida com a música e a dança. Para ele, a vida é como se fosse uma música que vai se conduzindo até chegar ao fim: *“tem uma hora que acaba”*. Nesse sentido, o dançar para ele é um jeito diferente de caminhar nesse caminho que é individual e único para cada pessoa, por isso a dança é muito particular, pois cada um imprime suas subjetividades nela, sua interpretação da canção.

Para J., o bom da vida é poder desenvolvê-la sem precisar correr ou caminhá-la, mas, sim, dançá-la. Nas partes que mais gostamos da música ou da vida, desejamos que elas se repitam, mas o baile segue um fluxo que não permite o retorno no tempo, assim como na vida. Há versos que compõem essa música, e que nos significam de diferentes formas, provocando diferentes maneiras de dançá-los.

Um aspecto muito interessante apontado ainda por J. é o quanto a dança de salão pode tornar o sujeito dançante menos egoísta, na medida em que aprendemos com o outro a melhor forma de executá-la a dois:

“A dança estimula algumas virtudes interessantes, como por exemplo, tu deixares de ser egoísta: “eu vou levar a dama!”. De fazer o outro crescer, aprender as coisas. A dança ensina também. Não só dá aquela sensação, mas é uma prática que faz a pessoa crescer junto contigo, que a pessoa aprenda coisas novas contigo”. (J.)

Para D., a sua vida teve melhoras a partir da dança em função do aumento do preparo físico, e da melhora na leveza dos seus movimentos que só a dança pôde proporcionar, diferentemente dos esportes coletivos praticados por ele como: vôlei e futebol, que o deixaram com movimentações mais bruscas. A prática da dança de salão também melhorou a sua qualidade de sono, pois percebeu que nas quartas-feiras relaxa mais, o que lhe proporciona um sono de maior descanso. Para ele, a quebra da rotina de permanecer por longo tempo sentado já traz muitos benefícios ao grupo.

Para o grupo, num todo, a aula, na quarta-feira, melhora significativamente a própria quarta-feira, pela motivação de ir trabalhar, pois haverá aula de dança de salão ao término do expediente de trabalho. Contudo, também apontam a melhora significativa na quinta-feira, em função do bom astral e do prazer vivenciados na

noite anterior. Segundo L.: *“na pressão do dia-a-dia, aonde a gente tem esse momento aqui de relax, de soltar as coisas negativas e chegar bem na quinta-feira”*.

Para os próximos três encontros, planejou-se atender aos seguintes objetivos: introduzir novos ritmos e compreender a dança de salão como metáfora para pensar as relações: paciência, tolerância, autoconhecimento, parceria, respeito ao outro, superação e sinergia, através da apresentação de novos ritmos, diálogos sobre a relação com o outro e a importância de cada um assumir seu papel para o sucesso da dança; o desenvolvimento da técnica da dança de salão.

Em nono encontro, retomou-se os passos de samba de gafieira trabalhados até o presente momento como o passo básico, a caminhada, o cruzado e o gancho. O grupo realizou brincadeiras tais como cavalheiros exigindo o olhar da dama atento a eles. Já havia maior naturalidade no dançar. Desse modo, introduziu-se o cruzado do bolero, no qual ficou evidente o apoio que o grupo se dá no sentido de levarem todos a atingirem o objetivo proposto naquele momento: a execução correta das novas movimentações, sinônimo de sinergia, já conceituado anteriormente como a soma do todo maior do que a soma das partes, em que se apresentaram preocupados com o todo e não apenas consigo mesmos.

Para a participante que apresentava cansaço na execução da dança, e que, por muitas vezes, realizava pausas, essa foi uma aula em que apresentou um excelente rendimento e não precisou fazer intervalo algum para retomada do fôlego, o que evidenciou a melhora no seu preparo físico e, conseqüentemente, na sua autoestima diante de si mesma e do grupo.

Outra cena que provocou a atenção foi o auxílio paciente de uma dama para com o seu parceiro, auxiliando-o e o orientando-o na execução correta do passo, sem necessitar a intervenção da professora.

Ensinei uma pose para que pudessem fazer no encerramento da dança, o que encantou o grupo. Adoraram a ideia de poses e pediram que ensinasse uma para cada ritmo. Atendendo ao pedido, refletimos sobre as características de cada ritmo aprendido até o momento e de que forma poderíamos respeitar essas características, executando poses coerentes com cada proposta.

No décimo encontro, os alunos já chegaram fazendo poses. Os cavalheiros recriaram a cena do convite à dama para concessão da dança de forma extremamente elegante, o que diverte o grupo e agrada às mulheres.

Nessa aula, aprendem um novo giro no bolero que, posteriormente, é adaptado ao samba. Por tratar-se de um giro que requer maior deslocamento do grupo, alguns acidentes em relação ao fluxo provocaram a reflexão e a busca por soluções que evitassem os esbarrões.

Há um clima muito agradável entre os colegas, que dançam com nível técnico diferente, tendo em vista que alguns já dominam a técnica da dança de salão com maior segurança do que outros. Contudo, há um casal que não conseguiu dançar sem que houvesse um clima tenso entre eles. Ficou evidente o descontentamento da dama ao ter que dançar com ele e, para evitar qualquer tipo de constrangimento, solicitei a troca dos pares, o que foi motivo de vibração da dama.

Ao trocar de par, a referida dama precisou de auxílio do novo cavalheiro, pois não conseguia executar o passo sozinha, motivo de reclamação na dança com o parceiro anterior, em que ela o culpava por não conseguirem dançar juntos. Em função do clima estar tenso, preferi não entrar na questão naquele momento e o fiz no próximo grupo focal, conforme relatado a seguir.

Na semana seguinte, no décimo primeiro encontro, a aula começou com a retomada do giro externo da dama tanto no samba, quanto no bolero. Por vezes, nem foi preciso mais solicitar a troca dos pares, tendo em vista que o grupo procurou fazê-lo e, claramente, evitou repetições para que todas as damas dançassem com todos os cavalheiros.

Nesse encontro, retomou-se o bolero, o samba de gafieira, o forró e introduziu-se a salsa. A Salsa é um ritmo que começou a fazer grande sucesso na juventude de Cuba, nos anos 80. E hoje, juntamente com o Tango, é um dos ritmos mais dançados por todo o mundo. É um ritmo que consiste numa estrutura quaternária, assim como o forró e o bolero. Como característica inerente às danças latinas, a Salsa requer movimentos sinuosos de tronco e de quadril.

Para tanto, iniciei com a movimentação básica de pés e gradativamente introduzi movimentos de quadril, de tronco e de braços. O grupo adorou o novo ritmo

e, diferentemente da resistência percebida na aprendizagem do forró, já havia uma pré-disposição aos movimentos de quadril, o que proporcionou certa liberdade no movimento da salsa, deixando o grupo bastante à vontade com o novo ritmo. Era visível a empolgação a cada novo encontro, a cada novo ritmo aprendido.

5.6 DANÇA DE SALÃO COMO PROMOTORA DE RESPEITO, CONFIANÇA E AUTOESTIMA.

O objetivo da terceira sessão de grupo focal era provocar e conhecer as percepções do grupo em relação à pesquisa. Para tanto, as ações previstas para esse encontro foram, a exibição de um trecho do filme: “Vem Dançar” em que o professor de danças de salão apresenta os diversos benefícios da prática da dança para a qualificação das relações e a provocação no grupo quanto ao que foi apresentado, deixando-os expressar suas percepções, por meio de grupo focal.

Desse modo, as questões norteadoras foram: que inspirações foram provocadas pela fala do personagem do filme; relações e dança de salão: comente. A atividade inicial consistiu na passagem de duas cenas do filme “Vem Dançar”, o qual relata a história, baseada em fatos reais, de um professor chamado Pierre Dulaine que resolve contribuir socialmente ensinando danças de salão em escolas públicas de Nova Iorque.

Na primeira cena apresentada, o professor está sendo questionado pelos pais, numa intriga fomentada por um professor de matemática, sobre a razão da prática da dança de salão para alunos que apresentam mau comportamento. Como argumento, o professor de danças de salão diz que, para que a dama se permita dançar com um cavalheiro, precisará, primeiramente, confiar em si mesma para que possa confiar no parceiro. Do mesmo modo, o cavalheiro, que aprende a conduzir uma dama com respeito, certamente não a tratará diferente fora da dança.

Na segunda cena, o professor dança com uma bailarina um tango para atrair a atenção dos alunos e provocar o desejo pelas danças de salão, num sentido que Dantas (1999) traz, de provocar o sentimento de êxtase no espectador.

A partir da exibição das referidas cenas, questionou-se as inspirações provocadas pelas falas do filme. Para L., quando a proposta da pesquisa foi

apresentada na empresa, surgiu essa mesma dúvida: “*dançar para melhorar as relações?*”. Essa foi a relação estabelecida com a cena inicial, foi preciso vivenciar para compreender a relação da dança de salão com esse olhar atento a si e ao outro.

Para D., há uma mudança no comportamento em relação aos colegas. A forma de se relacionar com o grupo mudou, na medida em que procura-se tratar melhor os colegas, estar mais atento a eles:

“Muda também o relacionamento entre os colegas. O tratamento que tu dá muda um pouco. Ali, eles estão falando de alunos, pra vida deles, de crescerem. Pra nós também tem influencia dentro da empresa. Tu trata o colega de um jeito diferente. É o que ta acontecendo internamente aqui. Tu aprende a conversar mais com o colega do lado. Traz bastante isso dentro da empresa também. Ali acontece dentro da escola, aqui acontece dentro da empresa” (D.).

Para L., a dança proporcionou maior envolvimento entre as pessoas. Por meio da dança, foi possível conversar, brincar, sentir maior liberdade e maior confiança para manter um diálogo com o colega. Para ela, há uma mudança clara de comportamento em relação ao outro. Outro aspecto apontado por L. foi o fato da dança colocar-se como um desafio e, na medida em que cada participante dava conta das novas aprendizagens, havia uma melhora na autoestima e na consciente capacidade de superação, além do respeito construído no grupo, fator considerado importantíssimo para que haja boas relações.

Para D., a dança é importante para a construção da relação de confiança, tanto na sua prática, quanto nas relações de trabalho do grupo participante da pesquisa:

“E tu acaba confiando. Algumas horas tu precisa confiar no colega aqui dançando. Então isso traz pra fora também. Essa confiança tu adquire depois pra dentro da empresa. De confiar: “não, deixa que eu vou fazer o negócio”. Ela vai me dar o retorno, eu tenho certeza. Antigamente ficava meio assim: se vai te dar um retorno, se não vai. Eu acho que melhorou muito pra nós assim. Convívio entre o grupo dançando. O convívio melhorou bastante, porque praticamente não existia”. (D.).

Outro aspecto apontado pelo grupo foi o desenvolvimento da parceria por meio da dança de salão. Para D., “parceria no sentido de poder conduzir a dança. No começo era mais difícil”. Para L., o fato do grupo se conhecer mais profundamente possibilitou o sentimento de estar à vontade com o colega de trabalho. Muitos participantes relataram que, por meio de uma relação de respeito

que se construiu ao longo dos encontros, adquiriu-se confiança para que houvesse essa parceria.

Os homens comentaram que, inicialmente, havia um cuidado ao abraçar a colega de trabalho para que não houvesse uma interpretação errônea da atitude, também para que não houvesse desconforto com a situação de nenhuma das partes. Com o tempo, a relação de respeito que se estabeleceu, permitiu uma intimidade muito saudável na parceria para a dança. Agora, os participantes não eram mais apenas colegas de trabalho, havia algo além que unia esse grupo, que os permitia chamarem-se de amigos.

“Quando a gente começou o curso, a gente começou como colega de trabalho. Depois que a gente começou a dançar a gente virou mais do que colegas de trabalho, começamos a virar amigos também. Daí a gente não conversa só sobre o trabalho, a gente tem um vínculo maior do que só o trabalho. Acho que isso que diferencia a questão de intimidade ou não. No começo a gente tinha colega: “eu só preciso que ele faça uma rotina no sistema pra mim, só preciso que ele passe um documento pra mim”. Depois não, daqui a pouco a gente vai ver a D. não como uma, aquela pessoa do contábil, mas como uma amiga que tu já conhece, que tu convive. Acho que essa é uma diferença que mudou, a gente não é mais só colega”.(J.).

Nesse momento, vários participantes pontuaram situações em que o fato de praticarem juntos dança de salão, refletiu-se no ambiente de trabalho. Situações como solicitar algum documento, ou atividade de outro setor, que antes ocorria apenas por e-mail, agora é feito pessoalmente, quando se trata de solicitar a um colega do curso de dança. Segundo L.: *“uma coisa que eu vi que depois que a gente começou a dançar tu já foi lá me pedir o negócio do cadastro. Se a gente não fosse dançar, tu irias me chamar lá no guichê, ou por e-mail”*.

O colega a quem L. referia-se respondeu dizendo que essa é uma forma de não falar apenas de trabalho. *“tu já muda um pouco o assunto, foge daquela da rotina. Sai dez, quinze minutinhos do setor e só fala de serviço, serviço, serviço. Agora, às vezes você deixa de tomar um café ali embaixo pra conversar com um colega do outro setor”*. (D.)

Reduzir então a comunicação humana nas empresas a uma simples transmissão de informação, visão diretamente inspirada pela engenharia, como se pode ver com frequência nos manuais de comportamento organizacional, é ilidir todo o problema dos sentidos e das significações. É esquecer que todo o discurso, toda a palavra pronunciada ou todo o documento escrito se insere em maior ou menor grau na esfera do agir, do fazer, do pensar e do sentimento. (CHANLAT, 2007, p. 29).

Segundo Chanlat (2007), a comunicação é fundamental para o sucesso de uma organização, que se constitui de seres humanos, sendo a fala premissa básica para as relações e objeto de estudo cada vez mais freqüente dos pesquisadores organizacionais. Não há melhora nas relações dentro da empresa sem que haja melhora na comunicação.

É inegável o quanto o grupo atribui melhora nas relações de trabalho entre os praticantes da dança de salão. Contudo, fiquei intrigada se as mudanças ocorreram a partir do convívio do grupo ou realmente da prática da dança de salão. Resolvi, então, devolver o questionamento ao grupo, da seguinte forma: as relações melhoraram, mas uma roda de chimarrão semanal poderia ter tido o mesmo efeito, certo?

O grupo respondeu, enfaticamente, que não. Na opinião dos participantes, reunir-se para uma roda de chimarrão, em que o foco seria a conversa, o diálogo, possivelmente não teria adesão dos trabalhadores, tendo em vista que as pessoas julgariam perda de tempo. Para eles, era preciso algo interessante, em que o foco não fosse a relação direta entre os colegas. Desse modo, a dança colocou-se como o foco principal e, o que pra mim era o objetivo principal da pesquisa, ocorreu subliminarmente para os participantes. A dança era a motivação e a melhora nas relações a consequência. Seguem as falas que embasam a análise:

“Na dança a gente vem pra dançar, não vem pra conversar. Claro que conversa um pouquinho. Mas a conversa é uma coisa secundária, vem com o foco da dança”. (L.)

“Já não iria mais achar interessante. Porque eu acho que o fato de a gente ter continuado a se integrar é porque a dança é uma coisa interessante. Eu acho que não é só pra mim, mas é pra todo mundo, né?” (L2).

“Hoje é um compromisso a dança. Tem dança, não marco mais nada. Depois daquilo ali eu posso marcar outra coisa. Então é um compromisso que se torna. Se fosse outra coisa tu dirias: não, hoje eu não vou. Deixa passar em branco. Esse pode ser a qualquer hora. Esse não... tem um tempo pra tá acabando. Quanto mais nós, homens estivermos nas aulas, melhor, porque a dificuldade pra nós é maior. Se fosse um chimarrão tu irias dizer posso fazer daqui um mês, daqui a um ano” (D.).

“Começa na dança uma fusão de respeito e de vergonha, mas que ao dançar mais rápido vai se quebrar esse gelo e se fosse em outro momento, talvez não se quebraria tão fácil quanto na dança”. (S.).

Todo esse envolvimento se refletiu no desejo apontado pelo grupo de não parar de dançar, de aprender cada vez mais a partir da dança de salão. Para J., a coragem para encarar desafios, tendo em vista que, mesmo o que nos parece complicado demais, só pode assumir esse lugar no momento em que é vivenciado,

experimentado. Para ele, colocar-se à disposição para novos desafios já é a superação da maioria dos obstáculos, seja na dança, seja no espaço de trabalho.

5.7 RELACIONAMENTOS E A DANÇA DE SALÃO

Por meio da dança de salão os colegas de trabalho puderam perceber as diferenças entre eles. Nem sempre a fluidez que se consegue com um parceiro ocorrerá com os demais. Para D., *“não é igual dançar com uma pessoa, dançar com outra, a questão da altura. Tu notas bastante essa diferença quando tá dançando com pessoas diferentes”*.

Nas relações de trabalho também é necessário “dançar” conforme o parceiro ou, no caso, colega de trabalho. É comum a necessidade de adaptação, conforme o jeito da outra pessoa, sua personalidade. Nosso modo de agir com o outro depende também do sentimento que o outro nos inspira. Com algumas pessoas temos maior empatia, com outras a afinidade é menor, ocasionando uma relação mais impessoal, mais distanciada. O fato é que num relacionamento é preciso ceder, buscar o equilíbrio entre os objetivos de cada parte. Para um dos participantes, a dança promoveu a percepção da necessidade de ceder para ajustar, sair dos seus próprios desejos e buscar compreender o desejo do outro.

“Eu vejo o seguinte, no aprender a ceder também. Na dança, ao juntar com o colega tu precisa ceder pra coisa se ajeitar. Acho que trazer isso pro trabalho. O trabalho também precisa ser assim. Muitas vezes tem que dar um pouquinho de cedência pra coisa fluir. Porque, daqui a pouco se tu não der, atenção para o outro e ficar olhando só pra ti, a coisa tranca, a coisa não vai”. (L.).

Para outro participante, a vivência na dança de salão o fez mais tolerante, tanto no espaço de trabalho, quanto nas relações fora da empresa.

“Fora daqui também tu acaba sendo um pouco mais tolerante muitas vezes. Eu erro, uma outra pessoa vai errar também e tu acaba compreendendo e tudo certo. Na rua também uma pessoa pergunta uma coisa, mesmo fora do serviço, tu acaba sendo mais tolerante também. Porque tu percebeu que também pode errar”. (S.).

Para um dos participantes, o fato de um colega apresentar maior dificuldade não foi motivo para evitar a dança com ele, e sim o desejo de superação, de auxiliar o outro na busca pelo sucesso.

“Acho que o respeito entre os colegas só cresceu e a tendência é crescer cada vez mais. Até na questão de trabalho tu tem um respeito maior. Tu tem mais paciência. Acho que entre os colegas de trabalho aumentou o respeito, se não tivesse a dança tu responderia de qualquer jeito. Ter um convívio depois, faz cuidar da forma como tu trata a pessoa. Antes eu empurrava o problema pra D., hoje já tenho uma atenção com ela e evito dar problema”. (J.).

Aproveitei o momento para provocar a participante que demonstrou não querer dançar com o colega no encontro anterior. Comecei comentando que nem sempre é fácil o dançar a dois, tendo em vista que muitas questões implicam como afinidade, tolerância, paciência. Perguntei ao grupo se em algum momento havia ocorrido uma situação mais complicada e rapidamente ela se manifestou.

Disse que, em função da intimidade que os dois tem de longa data, de trabalho juntos, de almoços diários, houve um atrito no encontro anterior, pois ambos não cederam para que conseguissem alinhar a dança, mas que foram embora juntos e retomaram a situação no carro, resolvendo-a.

Na verdade, as relações em qualquer situação, seja na dança, seja no trabalho, não serão sempre tranqüilas e fluídas. O importante é estar aberto à reflexão, ao ajustes que se fazem necessários, à tolerância, ao respeito, ao saber perdoar e, sobretudo, ao perdoar-se.

Para outra participante, a dança representou um exercício de paciência, pois *“ninguém é perfeito, ninguém vai ser perfeito e é errando que a gente aprende”*. Ao longo das aulas, sentiu-se mais calma, atribuindo à prática de uma atividade física e à quebra da rotina casa/trabalho.

O participante J., aponta a dança como um exercício de autoconhecimento. J. ponderou o fato de o cavalheiro precisar ser consciente da sua ação, na medida em que precisa conduzir a dama ao movimento que ele deseja que ela execute. Não há possibilidade de uma boa condução se o cavalheiro não sabe o que quer, nem como o deva fazer. Acrescentaria à fala dele, além da importância do autoconhecimento, a autoconfiança, pois, na minha opinião, o cavalheiro precisa, além de conhecer-se e saber de que forma agir, ter autoconfiança para que possa crer na sua condução e para que se proponha a tal atitude.

“A dança é um exercício de autoconhecimento. No momento que tu tem que fazer isso agora, tem que tomar a atitude, tu precisa saber o que fazer e como agir, pra depois conseguir que a outra pessoa aja de acordo com aquilo que eu to pedindo. Primeiro eu preciso saber o que eu to pedindo. Então é uma questão de tu conhecer aquilo que tu tem que fazer e aquilo

que tu tem que esperar daquela pessoa com aquela tua ação. Então eu acho que isso é uma coisa que influenciou desde que a gente começou a dançar. Eu sei que as pessoas erram e que eu também erro e na medida em que eu vou errando eu vou aprendendo onde não errar mais. Isso influencia no trabalho, porque uma coisa que eu faço errado no trabalho eu vou corrigir, porque eu reconheci meu erro e com ele posso evoluir”. (J.).

Por fim, outra relação percebida pelo grupo foi a curiosidade provocada nos colegas de trabalho que não participam da pesquisa. Ao perceberem o entusiasmo dos participantes, começaram a surgir várias indagações, aliadas ao desejo de pertencer a este grupo. Dúvidas do tipo: dançam sempre com o mesmo par? O que fazem exatamente nos encontros? Começaram a surgir nas conversas de setores, ou de corredores. O grupo associou ao preconceito inicial visto na cena do filme. Para eles, as pessoas precisam perceber o sucesso para acreditarem na proposta. Para o grupo, se a proposta de pesquisa fosse lançada novamente, a adesão seria muito maior, em função do retorno da primeira experiência. E assim encerrou-se a sessão de grupo focal.

Para os próximos três encontros que se seguiram, os objetivos propostos foram intensificar o revezamento dos pares e vivenciar a prática de baile, aprimorar a técnica da dança nos diferentes ritmos abordados e provocar constantemente reflexões sobre a dança e a relação consigo mesmo e com o outro.

No décimo terceiro encontro, retomou-se o passo básico da salsa e introduziu-se variações como giros, "dile que si", "dile que no". Explicou-se a "Roda de Cassino", movimentação característica da salsa em que todos os casais, dispostos em círculo, executam a mesma movimentação e realizam a troca de parceiros durante a dança.

A salsa foi um ritmo muito apreciado pelo grupo. Contudo, procurou-se passar pelo menos uma vez pelos demais ritmos da dança de salão já conhecidos pelo grupo, para que vivenciassem a realidade de um baile, em que todos os ritmos tocam aleatoriamente. Desse modo, o grupo precisaria adaptar-se não só ao colega com quem estava dançando, mas, também, ao ritmo em execução e ao fluxo do baile.

O grupo ficou entusiasmado com a experiência. Foi uma atividade bastante dinâmica que exigiu atenção e parceria do grupo. Após a prática, surgiram relatos do tipo: "*estávamos retomando os passos do ritmo, a música acabava e já era outro ritmo*", ou "*me senti pronta para ir num baile, como já sei dançar*". Começo a

perceber a dificuldade em finalizar a aula, pelo desejo do grupo, a aula seguiria por pelo menos meia hora a mais do que o previsto.

No encontro seguinte, propus colocar a música, sem identificar o ritmo para que, espontaneamente, dançassem pelo código que julgavam ser. A cada troca de música, o grupo deveria revezar o parceiro. Foi perceptível a diminuição das solicitações para intervenção da professora. O grupo estava num nível bastante desenvolvido, em que era possível que, mutuamente, se ajudassem.

Na segunda parte da aula, retomou-se a salsa e introduziu-se o tango. O Tango surgiu nos subúrbios e cabarés do cais de Buenos Aires, que inicialmente apresentava uma espécie de competição entre os homens para ver quem cortejava o maior número de mulheres através da dança. Como mencionado anteriormente, é, junto da salsa, um dos ritmos mais dançados no mundo inteiro.

Os alunos estavam ansiosos pelo tango. Nessa aula, começaram executando variações de caminhadas separadamente para exercitar a musicalidade e a percepção das marcações.

No décimo quinto encontro, retomou-se o tango e, a partir da aprendizagem do passo básico “baldosa”, os colegas experimentaram o dançar a dois. Foi evidente a mudança de atitude que caracteriza cada dança. Nos primeiros encontros, o grupo dançava todos os ritmos com a mesma expressão, pois o foco estava no pé e na própria movimentação. Na medida em que começaram a sentir-se mais seguros, foi possível dar personalidade à dança. Nesta aula, a atitude característica do tango começou a ser arriscada pelos participantes. A entrega à dança também é uma forma de entregar-se à relação com o parceiro que partilha a pista, o ritmo e o espaço no corpo do outro.

Ao final desse encontro, um dos participantes teve uma brilhante ideia: realizar uma apresentação para os demais colegas de trabalho, dentro da empresa. Questionei se este era o desejo do grupo todo e, ao confirmarem, combinei de verificar a disponibilidade junto ao setor de recursos humanos da empresa. Marcou-se um encontro extra para a montagem coreográfica.

Ao receber o retorno positivo da pessoa responsável pelo RH, iniciaram-se os preparativos para o grande momento. O grupo estava ansioso para mostrar aos demais colegas o fruto desses quatro meses de dedicação e superação. Para tanto,

montou-se uma coreografia com pequenas sequências de três ritmos escolhidos por eles: salsa, forró e bolero. A cada novo ritmo, o grupo trocava de parceiro, assim como ocorreu em todos os encontros: todos dançavam com todos.

Na terça-feira que antecedeu o último encontro, ao meio dia, os participantes estavam maquiados e com figurinos organizados por eles próprios para a apresentação. Grande parte da empresa reuniu-se para prestigiar o grupo, que realizou uma bela apresentação, deixando os colegas surpresos com tamanha desenvoltura e técnica. Os participantes estavam muito emocionados ao final da apresentação e visivelmente realizados, ao se abraçarem e se cumprimentarem mutuamente.

Para a realização do último grupo focal, os objetivos propostos foram avaliar todos os encontros do grupo tendo como referência o problema e os objetivos da pesquisa e coletar dados para a análise dos resultados.

As ações empregadas para atingir os objetivos foram, a apresentação de vídeo de dança em que um grande grupo de bailarinos apresentara-se e, durante a dança, apareceram palavras que apontavam conceitos necessários para o sucesso da dança, como: parceria, confiança, determinação. Também, foi proporcionado que o grupo se posicionasse, por meio de pequenas provocações, procurando chamar aqueles que ainda não contribuíram, bem como o registro das manifestações e das percepções da pesquisadora.

Foram utilizadas as seguintes questões norteadoras para a fomentação do debate: que semelhanças e diferenças são percebidas no dançar a dois e na convivência com o outro?;O que essa experiência vivida na pesquisa lhe propiciou?;Como acreditam que a dança de salão possa vir a ser uma possibilidade de melhoria de qualidade das relações intra e interpessoais na empresa?

Para S. há semelhança no fator paciência. Na dança é preciso ter paciência, aguardando o tempo do outro, paciência no tempo de aprendizagem dele, paciência para poder ensinar. Para ele, da mesma forma ocorre dentro da empresa. Ter paciência e ser solícito pode acelerar a resolução de um problema, diferentemente da atitude de cobrança, da ansiedade que, além de causar mal-estar entre as partes envolvidas, por vezes gera um bloqueio no comportamento das pessoas.

Para L., a diferença consiste no fato de que no dançar todos os participantes apresentam o mesmo objetivo, de desejo de superar seus obstáculos e dificuldades. Para ela, no trabalho, é comum colegas trabalharem no mesmo setor, mas não compartilhem do mesmo objetivo. Por vezes, um trabalhador pode objetivar crescer, evoluir e o outro, executa sua função com o foco estritamente no salário. Outra participante corrobora a ideia:

“Até a questão da briga de setores. Eu trabalho num setor, eles em outro, então vou fazer as coisas para o meu setor e cada um vai fazer a coisa para o seu setor e aqui não: a gente tá fazendo pelo bem do grupo. Sendo que, quando a gente trabalha a gente faz o bem para a empresa. Mas existem os setores que cada um quer o bem para o seu setor” (D2).

Contudo, outro colega aponta que há sim objetivos comuns tanto na dança, quanto na empresa, uma vez que os trabalhadores dependem do sucesso da organização. Sendo assim, os trabalhadores desejam o sucesso da empresa ainda que este desejo seja fruto de uma necessidade para a realização de um desejo mais íntimo, mais subjetivo.

“Dentro da empresa também tem o nosso objetivo único: a empresa tem que ser melhor, tem que crescer. Talvez não seja o desejo de todos dentro da empresa, mas de uma grande maioria que quer que a empresa cresça, quer garantir o seu emprego. Tu depende disso. Aqui o objetivo do grupo todo era esse: tu chegar no final e conseguir te apresentar. Claro, não era apresentação pra todo mundo, mas se apresentar aqui entre nós e eu acho que esse objetivo foi alcançado”. (D.).

Outra semelhança apontada pelo grupo entre o dançar e as relações de trabalho é que, em ambos os espaço, é fundamental o treinamento constante para a qualificação da ação.

“Levando pra dentro da empresa isso aí, dentro da empresa nos também temos que ter treinamento pra desempenhar melhor a nossa função. Então, quanto mais treino, mais aptidão a gente consegue, melhor a gente vai desenvolver a tarefa. Foi o que aconteceu na dança. A gente entrou na dança, praticamente não sabia nada. Sabia dançar dois pra lá, dois pra cá e foi aprimorando com o treinamento. Acho que fica nessa semelhança: o treinamento e a empresa” (L.).

5.8 A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE RESPEITO A PARTIR DO VÍNCULO ESTABELECIDO ENTRE OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

O olhar atento para o colega, na medida em que é preciso juntos dançar, propicia a percepção desse sujeito de forma integral. Para que a dança ocorra, muitos aspectos precisam ser observados como a postura de ambos, o abraço que

possibilita o dança a dois, a sintonia. Nunca é igual dançar com diferentes parceiros. Há uma subjetividade implícita no movimento que torna a dança única e que, a cada troca de par, requer uma nova adaptação, é o que proporciona um olhar para as individualidades. O jeito de dançar de cada pessoa, diz muito da personalidade dela, das suas preferências.

Portanto, para este grupo, a cada troca de parceiro se fez necessário um olhar atento às subjetividades do outro, e as suas próprias, a fim de adaptar-se ao corpo do outro. Inevitavelmente, há uma percepção mais atenta, o que gerou no grupo uma relação de maior respeito e de maior preocupação com o bem estar do outro.

Para J., a dança de salão propiciou autoconfiança, autoestima e bem estar. Outro aspecto importante apresentado por ele é o respeito e o comprometimento com o outro, fruto das aulas de dança de salão.

“Tu acaba criando uma confiança maior em ti mesmo pra fazer as coisas e um astral melhor, estar de bem, eu vou lá e vou conseguir fazer. Tua autoestima. E com o outro também, tu vai exigir e receber um respeito e disponibilidade do outro. A mulher chegar e: vai... tu sabe conduzir. Respeitar e se comprometer com o outro. Acho que isso melhora com certeza”(J.).

Para L2., participar do grupo qualificou sua autoestima, a confiança e si mesma e nos outros, bem como o comprometimento com as pessoas. Para outro participante, a contribuição que mais o marcou foi o aprender a reconhecer os próprios erros, aspecto complicado para o mundo da empresa, em que assumir o erro pode custar o emprego.

“Uma coisa que na empresa e dificuldade é grande, errar e assumir que tu errou. São poucas pessoas que dizem: eu errei. Tem pessoas que tentam esconder o erro e resolver depois, se estourar mais tarde e se tornar um grande problema pra empresa. Aqui a gente assume. Ser criticado também é uma coisa que tem pessoas que não gostam, não aceitam e aqui às vezes tu fala: bah... tu ta errando e aprende a aceitar isso. No trabalho é mais complicado. Por isso se a dança de salão me fez refletir sobre isso”. (D.).

Elenco alguns aspectos apontados pelo grupo em geral. A palavra confiança apareceu com freqüência nas falas dos participantes como um aspecto relevante na pratica da dança de salão, numa reflexão para a qualificação das relações na empresa. Assim como, a humanização das relações foi refletida por meio da dança, provocadora, segundo alguns participantes, da sensibilidade que permite tratar o outro de uma forma diferente, especial, fruto de uma relação de respeito construída no dançar a dois.

(L): isso faz a diferença, porque quando a gente confia na pessoa a gente muda no pedir, no falar. São pequenas coisas que a gente vai construindo ao longo do tempo e aqui a gente construiu muitas coisas legais. Se houvesse para todos dança de salão, renderia mais, todo mundo trabalharia com uma qualidade melhor.

Por fim, ficou evidente que a construção do vínculo entre os colegas de trabalho, por meio da prática da dança de salão, foi o que possibilitou uma relação de respeito mútuo. Sabe-se que onde há respeito há espaço para o desenvolvimento de outras virtudes que fundamentam a qualificação das relações interpessoais, como um olhar humano que respeita as subjetividades, as dificuldades, as limitações e as superações do outro. Também, a relação baseada no respeito é terreno fértil para a autoestima, confiança e para a criatividade, segundo os participantes da pesquisa.

Vale a pena ressaltar que, segundo a participante I., a dança caracterizou-se pela contribuição não primeiramente na relação com o outro, mas pela qualificação da relação consigo mesmo. Não se pode oferecer o que não se possui, desse modo, na medida em que a dança qualifica a relação que o sujeito dançante tem consigo mesmo, haverá melhoras nas relações externas. Segundo ela, esse é um movimento de dentro pra fora e não de fora pra dentro.

“Precisamos centrar nossos esforços de mudança no ser das pessoas e não no que elas fazem. A maioria das mudanças organizacionais apenas afeta a superfície do velho sistema, concentrando-se em mudar o modo como as coisas são feitas. Tem ficado cada vez mais claro que a resposta não está naquilo que os administradores ou líderes fazem. A mudança fundamental só pode ser feita concentrando-nos no ser, em como deveríamos ser em vez do que deveríamos fazer”. (GILLEY, 1996, p. 16).

Para Gilley (1996), assim como para a participante I., é preciso qualificar a relação consigo mesmo, nas questões que envolvem o ser, valores, consciência, para que se qualifiquem as relações interpessoais. A ação do sujeito é resultado da sua essência, das suas crenças. Desse modo, a mudança de comportamento requer uma mudança muito mais abrangente e profunda e que diz respeito à individualidade e subjetividade de cada trabalhador. Sendo assim, as mudanças organizacionais precisam ser pensadas do individual para o coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a pesquisa ter por objetivo a compreensão da importância da dança de salão como possibilidade da qualificação das relações interpessoais na empresa, acredito que os resultados apontam rumo à qualificação das relações na empresa, salientando na convivência com os colegas: a percepção da subjetividade existente por trás do trabalhador, a destituição e superação do sedentarismo, a importância das relações entre pares, a sensação de êxtase e aumento de motivação provocados pela dança, a relação da dança com a vida e a dança de salão como promotora de respeito, a partir do vínculo constituído, pela confiança e auto-estima, propiciados pelo autoconhecimento.

Ao buscar o autoconhecimento por meio da dança, cada participante, em maior ou menor grau, pode compreender suas limitações e superações, apropriando-se do seu corpo que gradativamente tornava-se dançante. Partindo desse olhar para si mesmo, o trabalhador pode dispor de um olhar para o outro, que interagia com ele, seja na parceria da dança, seja no compartilhar o salão.

Focar a atenção a si e ao outro para juntos atingirem o objetivo proposto, no caso a dança, possibilitou o reconhecimento das diferenças e, sobretudo, o respeito a elas, fundamental nas relações de trabalho. Pelas situações propostas no projeto, o outro pode ser visto também como sujeito carregado de subjetividades, complexo e capaz de desenvolver-se constantemente. Acredito, pelos resultados obtidos, que a experiência vivida despertou nos integrantes a importância e a necessidade de investir na humanização das relações do grupo, o que se refletiu nas falas e no cotidiano da empresa, relatado em situações de sinergia, em que todos se percebiam a cada encontro mais envolvidos.

Impulsionados pelos laços de afetividade promovidos pelos encontros, surgiu no grupo o desejo de juntos traçarem planos mais ousados, como preparar uma apresentação de dança para os demais trabalhadores da empresa, que deixasse desvelar sua superação, crescimento, não só nos passos e postura exigidos na dança, mas na nova atitude assumida em relação ao grupo.

O envolvimento e o comprometimento, atitudes fundamentais para o sucesso de uma organização, garantiram a repercussão da proposta da dança como

alternativa para repensar as relações, que transcendeu ao grupo, causando admiração, estranhamento e “êxtase”, tanto no grupo como nos demais trabalhadores da empresa. Certamente, naquele dia, houve especial motivação na empresa, tanto para os que dançaram, quanto para os que assistiram, situação defendida por Dantas (1999) já anteriormente explicitada.

Talvez, possa afirmar, a prática da dança ser um novo caminho a permear para a humanização das relações, por meio do olhar atento a si e aos outros, numa aprendizagem que passa pelo corpo, oportunizando formar-se seres mais inteiros, mais intensos e mais conscientes de que a vida não começa fora do local de trabalho e que ser trabalhador é uma função inerente à vida e não a única de um Ser que é muito mais complexo. Constituído de diversas dimensões e diferentes funções, o sujeito trabalhador de toda e qualquer organização precisa reconhecer-se como sujeito, agente da sua vida e das suas escolhas, compreendendo que as relações (intra) interpessoais são vitais e a qualificação delas, qualifica a nossa existência.

A organização que reconhece a importância da humanização das relações, certamente colherá frutos, pois é sabido que o grande diferencial de uma empresa são os sujeitos que a constituem. Portanto, acredito que a dança confirmou-se como promotora da qualificação das relações (intra) interpessoais, e mais do que isso, oportunizou aos trabalhadores que dessa pesquisa participaram, serem sujeitos mais atentos a si e ao outro, portanto com maiores perspectivas de qualidade de vida pelo envolvimento e parceria, pois a arte tem o poder do encantamento, e da transformação pelo autoconhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcus Garcia de. **Pedagogia empresarial: saberes, práticas e referências**. Rio de Janeiro: Brasport, 2006.

ARENA, Simone Sagres Arena. **Exercício Físico e Qualidade de Vida: avaliação, prescrição e planejamento**. São Paulo: Phorte, 2009.

ARÔXA, Jaime. **Entrevista concedida à Caroline Rodrigues Harff**.RJ, 2009.

BRIKMAN, Lola. **A Linguagem do Movimento Corporal**.São Paulo: Summus, 1989.

CHANLAT, Jean-François. **O Indivíduo nas Organizações: dimensões esquecidas**. São Paulo: Atlas, 2007.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de Pessoas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

CHIP, Bell R.I.; SHEA, Heather. **Lições de Dança: seis passos para as grandes parcerias e negócios na vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

COVEY, Stephen R. **Liderança Baseada em Princípios**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

DANTAS, Estélio H. M. **Pensando o Corpo e o Movimento**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

DANTAS, Heloysa. **A infância da razão: uma introdução à psicologia da inteligência de Henry Wallon**. São Paulo: Manole, 1990.

DANTAS, Mônica. **Dança, o enigma do movimento**. Porto Alegre: Universidade - UFRGS, 1999.

DAVEL, Eduardo. VERGARA, Sylvia Constant. **Gestão com Pessoas e Subjetividade**. São Paulo: Atlas, 2008.

GALIAZZI, Maria do Carmo. MORAES, Roque. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2011.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Traduzido por Pedrinho A. Guareschi. 6.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber, 2005.

GILLEY, Kay. **Liderança com o Coração Aberto**. São Paulo: Cultrix, 1996.

GONÇALVES, Aguinaldo. VILARTA, Roberto. **Qualidade de Vida e Atividade Física: explorando teorias e práticas**. Barueri, SP: Manole, 2004.

GONZAGA, Luís. **Técnicas de dança de salão**. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

JESUS, Carlinhos. **Entrevista concedida à Caroline Rodrigues Harff**. RJ, 2009.

JESUS, Saul Neves de. **Motivação e Formação de Professores**. Coimbra: Quarteto Editora, 2000.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 1999.

MORAES, Roque. GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. **Empresa Familiar: como fortalecer o empreendimento e otimizar o processo sucessório**. São Paulo: Atlas, 1999.

OSSONA, Paulina. **A educação pela dança**. São Paulo: Summus, 1988.

PORTINARI, Maribel. **História da dança**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

REY, Fernando Gonzalez. **Sujeito e Subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson, 2005.

RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral. **Temas atuais em pedagogia empresarial**: aprender para ser competitivo. Rio de Janeiro: Wak, 2006.

VIANNA, Klauss. **A Dança**. São Paulo: Summus, 2008.